

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

MIRELLA MATOS

AS REPRESENTAÇÕES DO BIBLIOTECÁRIO NA LITERATURA INFANTIL

Porto Alegre
2014

MIRELLA MATOS

AS REPRESENTAÇÕES DO BIBLIOTECÁRIO NA LITERATURA INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a. Me. Glória Isabel Sattamini Ferreira.

Porto Alegre
2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Dr. Carlos Alexandre Netto

Vice-reitor: Prof. Dr. Rui Vicente Oppermann

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora: Prof^a. Dr^a. Ana Maria Mielniczuk de Moura

Vice-diretor: Prof. Dr. André Iribure Rodrigues

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Prof^a. Dr^a. Maria do Rocio Fontoura Teixeira

Chefe substituto: Prof. Dr. Valdir José Morigi

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Coordenadora: Prof^a. Dr^a. Samile Andréa de Souza Vanz

Coordenadora substituta: Prof^a. Me. Glória Isabel Sattamini Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M425a Matos, Mirella

As representações do bibliotecário na literatura infantil / Mirella Matos. -- 2014.

104 f.: il.

Orientador: Glória Isabel Sattamini Ferreira.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Biblioteconomia, Porto Alegre, 2014.

1. Literatura infantil. 2. Representação. 3. Bibliotecário. I. Ferreira, Glória Isabel Sattamini. II. Título.

CDU: 023.4:82-93

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Departamento de Ciências da Informação

Rua Ramiro Barcelos, 2705 – Bairro Santana

CEP 90035-007 – Porto Alegre - RS

Fone: (51) 3308-5067

Fax: (51) 3308-5435

E-mail: fabico@ufrgs.br

Mirella Matos

AS REPRESENTAÇÕES DO BIBLIOTECÁRIO NA LITERATURA INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Examinado em: ____/____/____

Banca Examinadora:

Prof^a. Me Glória Isabel Sattamini Ferreira
Orientadora
Departamento de Ciência da Informação UFRGS

Prof^a. Dr^a. Jeniffer Alves Cuty
Examinadora
Departamento de Ciência da Informação UFRGS

Morgana Marcon
Examinadora Externa
Diretora da Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul

Porto Alegre
2014

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, no qual me amparei em todas as circunstâncias e sempre fui fortalecida.

Agradeço a minha mãe por sempre acreditar em mim quando nem eu mesma acreditei, por me confortar e me apoiar em todas as dificuldades durante o percurso e nos momentos de descrença.

À minha tia Tânia que contribuiu efetivamente para a correção deste trabalho.

À minha colega Cynara Arigony que foi minha maior e melhor amiga e companhia durante todo período da faculdade, e por todas suas palavras de carinho, coragem e ânimo.

À minha amiga Fernanda Schindel que me ergueu no momento mais difícil desta fase e contribuiu com afinco para o desenvolvimento deste trabalho.

A todas as bibliotecárias e amigos que me enviaram sugestões de livros que se encaixaram nesta pesquisa, e contribuíram, direta ou indiretamente, para a conclusão deste trabalho.

Agradeço também ao meu namorado Maick, que mesmo não sabendo muito como acalmar os ânimos, nunca me deixou desistir, sempre me incentivou e acreditou no meu potencial, me transferiu palavras de amor e fortalecimento, e me fez companhia durante os estudos.

E finalmente, agradeço a minha orientadora Glória Isabel, que me aceitou como orientanda e acreditou no desenvolvimento deste trabalho, e as profissionais que aceitaram o convite de participar da minha banca.

O livro traz a vantagem de a gente poder estar
só e ao mesmo tempo acompanhado.

Mário Quintana.

RESUMO

Realiza uma análise das representações do profissional bibliotecário como personagem de vinte obras de literatura infantil, visto que a literatura é um meio de influência no ponto de vista dos leitores. É importante observar a representação do bibliotecário neste meio de comunicação, a qual é propagada a profissão e a imagem do profissional. Analisa as características físicas (gênero, idade, altura, porte físico, uso de óculos, boa aparência), de personalidade (empatia, interação com o usuário, imagem formada pelo usuário), de ação, posição e local de atuação dos personagens nas obras. Apresenta as ilustrações dos bibliotecários presentes nas obras. Contextualiza os seguintes assuntos: imagem, representação, imaginário, literatura infantil e ilustração. A partir desses conceitos, analisa a representação do bibliotecário na literatura infantil e o impacto dessa representação no pensamento dos leitores. Utiliza metodologia básica documental de cunho exploratório, com abordagem qualiquantitativa. Emprega o método de análise de conteúdo para a análise dos dados. Adota o uso de uma ficha de leitura como instrumento de coleta de dados. Caracteriza os personagens bibliotecários identificados nas obras, quanto às características analisadas. Conclui que o perfil predominante do bibliotecário nas histórias infantis é de uma mulher adulta, que usa óculos, de peso e altura irrelevantes. Em termos de personalidade é simpática, dá atenção ao usuário e transmite uma imagem positiva de si mesma, seu principal local de atuação é na Biblioteca Pública.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Representação. Bibliotecário.

ABSTRACT

It carries out an analysis of the librarian's representations as a character than twenty books of children's literature, seeing that literature is a means to influence the readers' point of view. It is important to observe the role of the librarian in this medium in order to verify the image propagated of the profession and the professional. It analyzes the physical characteristics (gender, age, height, physic, use of glasses, good appearance), personality (empathy, interaction with the user, image formed by the user), action, position and local of acting of the characters in the books. It presents illustrations of librarians in the books. Contextualizes the following topics: image, representation, imaginary, children's literature and illustration. From these concepts, analyzes the representation of the librarian in the children's literature and the impact of that representation in the minds of readers. It uses a documental basic methodology of an exploratory type, with qualiquantitative approach. It employs the method of content analysis to analyze the data. Adopts the use of a form reading as a tool for data collection. It characterize the librarians identified in the books, as the characteristics analyzed. Concludes that the predominant profile of the librarian in the children's stories is a grown woman, who uses glasses, with weight and height irrelevant. In terms of personality is friendly, gives attention to the user and conveys a positive image of yourself, your main place of acting is the Public Library.

Keywords: Children's Literature. Representation. Librarian.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Categoria posição do personagem na obra.....	49
Gráfico 2 – Categoria profissão nomeada na obra.....	50
Gráfico 3 – Categoria gênero.....	51
Gráfico 4 – Categoria faixa etária.....	53
Gráfico 5 – Categoria altura.....	54
Gráfico 6 – Categoria porte físico.....	54
Gráfico 7 – Categoria uso de óculos.....	55
Gráfico 8 – Categoria boa aparência.....	57
Gráfico 9 – Categoria empatia.....	59
Gráfico 10 – Categoria atenção ao usuário.....	60
Gráfico 11 – Categoria imagem formada pelo usuário.....	61
Gráfico 12 – Categoria local de atuação.....	81
Gráfico 13 – Categoria ilustrações.....	82

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 – Representação da personagem Dona Carlotinha.....	82
Ilustração 2 – Carlinhos ao descobrir a biblioteca no quarto de sua avó.....	83
Ilustração 3 – Representação da bibliotecária na hora do conto.....	83
Ilustração 4 – A bibliotecária auxiliando Beatrice com os livros.....	84
Ilustração 5 – Representação da personagem Carrapicho.....	84
Ilustração 6 – Carrapicho combatendo o mal com o conhecimento adquirido por meio dos livros.....	85
Ilustração 7 – Representação da personagem Alexandria Byblos.....	85
Ilustração 8 – Representação da personagem Sra. Felps e da personagem Matilda.....	86
Ilustração 9 – Sra. Felps auxiliando Matilda com os livros.....	86
Ilustração 10 – Representação da bibliotecária e dos personagens Luli e Dudi....	87
Ilustração 11 – Representação da personagem Sandra e dos personagens Barney e Bety Bop.....	87
Ilustração 12 – Sandra apresentando a biblioteca a Barney e Bety Bop.....	88
Ilustração 13 – Representação da personagem Dona Ângela.....	88
Ilustração 14 – Dona Ângela restringindo o espaço da biblioteca para Duda.....	89
Ilustração 15 – Representação da personagem Sra. Penney e da Jamie Kelly.....	89
Ilustração 16 – Pensamento de Jamie sobre os óculos da Sra. Penney.....	90
Ilustração 17 – Representação da personagem Rute.....	90
Ilustração 18 – Rute ao se apaixonar pelo dono da livraria do bairro.....	50
Ilustração 19 – Personagem Biblió sendo transformada novamente em princesa.	51
Ilustração 20 – Biblió escrevendo livros infantis.....	53

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	OBJETIVOS	14
1.1.1	Objetivo geral	14
1.1.2	Objetivos específicos	14
2	REFERENCIAL TEÓRICO	15
2.1	IMAGEM E REPRESENTAÇÃO	15
2.1.1	Imaginário	19
2.2	A LITERATURA INFANTIL E SUA IMPORTÂNCIA	21
2.3	ILUSTRAÇÃO	25
2.3.1	Funções da Ilustração	26
2.3.2	As Ilustrações na Literatura Infantil	27
2.4	REPRESENTAÇÕES DO PROFISSIONAL BIBLIOTECÁRIO	30
3	METODOLOGIA	34
3.1	TIPO DE ESTUDO	34
3.2	OBJETO DE ESTUDO	35
3.3	INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	35
3.4	ANÁLISE DOS DADOS	36
3.5	LIMITAÇÕES DO ESTUDO	37
4	APRESENTAÇÃO DAS OBRAS	38
4.1	LITERATURA INFANTIL	38
4.1.1	Ana de Salto Alto, de Sergio Caparelli	38
4.1.2	Atrás da Porta, de Ruth Rocha	39
4.1.3	Beatrice Não Quer, de Laura Numeroff	39
4.1.4	Carrapicho, de Cecília da Silveira Liedemann	39
4.1.5	Dewey: o gato da biblioteca, de Vicki Myron	40
4.1.6	Diário de Uma Garota Nada Popular, de Rachel Renée Russel	40
4.1.7	Encrenca na Biblioteca, de Rosana Rios e Silvana D'avino	40
4.1.8	Era Mais Uma Vez Outra Vez, de Glaucia Lewicki	41
4.1.9	Guerra na Biblioteca, de Lino Albergaria	41

4.1.10	Judy Moody Adivinha o Futuro, de Megan McDonald	41
4.1.11	Kimbaló, de Elô Fernandes e Helô Bacichette	42
4.1.12	Matilda, de Roal Dahl	42
4.1.13	Miguel e a Quinta Série, de Lino de Albergaria	42
4.1.14	Monstros e Medos, de Tatiana Belinky	43
4.1.15	Na Biblioteca, de Mark S. Bernthal	43
4.1.16	O Clube da Biblioteca Contra a Bruxa Pestiléia, de Jerônimo Jardim	43
4.1.17	Pânico na Biblioteca, de Eoin Coifer	43
4.1.18	Querido Diário Otário: não é minha culpa se eu sei de tudo, de Jim Benton	44
4.1.19	Um Rato na Biblioteca, de Carlos Augusto Segato	44
4.1.20	Uma Graça de Traça, de Carlos Ubim	45
5	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DO PERSONAGEM BIBLIOTECÁRIO NAS OBRAS PESQUISADAS	46
5.1	ATUAÇÃO DO PERSONAGEM	48
5.2	CARACTERÍSTICAS FÍSICAS	50
5.3	CARACTERÍSTICAS DE PERSONALIDADE	57
5.4	CARACTERÍSTICAS DE AÇÃO	62
5.5	LOCAL DE ATUAÇÃO	80
5.6	ILUSTRAÇÕES DO PERSONAGEM	81
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
	REFERÊNCIAS DAS OBRAS CONSULTADAS	96
	REFERÊNCIAS DAS OBRAS ANALISADAS	100
	APÊNDICE A – FICHA DE COLETA DE DADOS	102
	APÊNDICE B – QUADRO COM OS RESULTADOS OBTIDOS	103

1 INTRODUÇÃO

Apesar de todas as mudanças já ocorridas na área da Biblioteconomia e no modo como o profissional bibliotecário é visto pela sociedade, não é novidade que a imagem dos bibliotecários está normalmente vinculada a vários tipos de estereótipos negativos, como “[. . .] o de gênero, o de comportamento e o de imagem física.” (WALTER; BAPTISTA, 2007, p.27).

Esse fenômeno de estereótipos pode estar sendo dissipado pelas mídias/artefatos culturais, a imagem que elas transmitem do bibliotecário induzem o pensamento dos indivíduos quanto à profissão. Essa representação pode elucidar ou denegrir o ofício profissional em relação ao seu papel na sociedade.

Neste trabalho o artefato cultural estudado foram livros de literatura infantil, a fim de identificar de que maneira os autores representam o profissional bibliotecário na história. Através da análise foi possível caracterizar os personagens encontrados e estabelecer o perfil predominante.

A pesquisa, após a escolha do tema, dividiu-se em três etapas: revisão bibliográfica acadêmica, seleção do referencial teórico em relação aos conceitos considerados relevantes ao assunto em questão, pesquisa em catálogos virtuais de bibliotecas e pesquisa de campo nas bibliotecas infantis e sebos sobre os livros que apresentam um personagem bibliotecário para o levantamento do material que foi analisado. Ao revisar a literatura acadêmica existente, atestou-se a ausência de estudos sobre a representação do bibliotecário na literatura infantil, o que instigou a autora desta pesquisa. Portanto, a questão norteadora deste trabalho foi - quais as representações do profissional bibliotecário na literatura infantil -?

Conforme explica Piaget (1996), o repertório visual e subjetivo das crianças são formados através de esquemas cognitivos. Uma criança quando nasce já possui em seu sistema nervoso esquemas mentais, mesmo que poucos. Esses esquemas são evoluídos e expandidos na medida em que ela se desenvolve. Os esquemas mentais servem para processar, identificar e assimilar a entrada de novos estímulos, isto é, quando uma criança recebe um novo dado perceptivo, sendo ele visual ou de forma oral, ela assimila esse novo estímulo às experiências cognitivas que ela já possui em sua mente. Se aquilo que foi percebido não representar o real, mas não for corrigido, ela tomará esse novo estímulo como verdadeiro, até que algum dia, seja recebido outro estímulo que a faça mudar de ideia.

Desta forma, a importância do estudo se deve ao fato de que a maneira que o bibliotecário aparece nas histórias infantis influencia no modo que as crianças enxergam o profissional e sua profissão. Realizou-se o estudo em cima de obras de literatura infantil, a fim de analisar a imagem que é transmitida por esse meio de comunicação.

O referencial teórico foi dividido em conceituação de imagem, representação, imaginário, literatura infantil e ilustração. A partir desses conceitos, analisou-se a representação do bibliotecário na literatura infantil e o impacto dessa representação no pensamento dos leitores.

1.1 OBJETIVOS

Os objetivos desta pesquisa foram divididos em objetivo geral e objetivos específicos.

1.1.1 Objetivo geral

Analisar as representações do bibliotecário enquanto personagem nos livros de literatura infantil.

1.1.2 Objetivos específicos

- a) identificar nas obras de literatura infantil, o profissional bibliotecário;
- b) caracterizar os personagens bibliotecários identificados nas obras, quanto às características físicas, de personalidade, de ação e local de atuação;
- c) estabelecer o perfil predominante do profissional nas histórias infantis.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

No referencial teórico foram discorridos sobre: conceituação de imagem e representação, imaginário, literatura infantil, ilustração e foi dissertado sobre a representação do bibliotecário na literatura infantil e o impacto dessa representação no pensamento do indivíduo.

Para nortear o estudo em questão foram utilizadas as teorias dos seguintes autores: para imagem, foram utilizados os conceitos de Jean Piaget (1961) e Carl Jung (2000), além da definição do dicionário Michaelis¹. Para representação, foi utilizada a definição dos dicionários Aurélio², Michaelis³ e do autor Serge Moscovici (2011), a teoria de Sigmund Freud (2001) e Jean Piaget (1961); para imaginário, foram utilizadas as teorias de Juremir Machado da Silva (2006) e Lev Vygotski (1992) e (2007); para destacar o papel da literatura infantil na infância, os principais autores utilizados foram Nelly Novaes Coelho (2000), Regina Zilbermann (1985), Abramovich (1994) e Richard Bamberger (2010); o conceito ilustração foi embasado nos estudos de Luís Camargo (1995) e (2003), Flávia Ramos e Neiva Panozzo (2004) e (2005), Lev Vygostki (1994) e Bamberger (2010); finalmente, para a representação do bibliotecário, o referencial teve embasamento nos estudos de Maria Tereza Walter e Sofia Galvão Baptista (2007), Leonardo Fernandes Souto (2005) e Elaine Aparecida da Silva (2006).

2.1 IMAGEM E REPRESENTAÇÃO

As palavras imagem e representação, ambas provenientes do latim, se encontram relacionadas desde suas origens etimológicas.

Para a palavra imagem há diversos significados, entre eles:

[...] **2** Representação de uma pessoa ou coisa, obtida por meio de desenho, gravura ou escultura. [...] **6** Representação mental de qualquer forma. **7** Imitação de uma forma; semelhança. **8** Aquilo que imita ou representa pessoa ou coisa. [...] **10** Reprodução na memória. [...] **11** Símbolo. **12** [...] *I. edética, Psicol*: imagem visual subjetiva de percepções passadas, evocável por certas pessoas, principalmente por crianças, com toda a

¹ Documento eletrônico. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>>. Acesso em: 2 out. 2014.

² Documento eletrônico. Disponível em: <<http://www.dicionariodoaurelio.com/>>. Acesso em: 2 out. 2014.

³ Documento eletrônico.

nitidez. [...] **I. visual:** concepção mental que corresponde a um objeto visto. (MICHAELIS⁴).

Já a palavra representação, em geral nos dicionários encontrou-se pouca definição relevante a este estudo, que estão citados a seguir: “**1** Ato ou efeito de representar; exibição, exposição. **2** Realização de uma cena, de um desenho ou de imagem que representa, reproduz ou simboliza um fato ou um objeto.” (MICHAELIS⁵).

E de acordo com o dicionário Aurélio uma representação também pode ser uma “[. . .] exposição verbal ou escrita do que temos na mente.” (AURÉLIO⁶).

Utilizando-se de um conceito do autor Moscovici (2011) as representações são visões, imagens, percepções, que um indivíduo ou grupo tem sobre um determinado objeto, pessoa ou realidade.

Como observado, em seus significados uma imagem e uma representação têm relação entre si. Pode se dizer que a imagem é uma forma de representação, seja ela visual ou mental, que o indivíduo possui em relação a algo ou alguém; e a representação é a forma com que é apresentada esta imagem para o indivíduo. De acordo com Pain (1996), a imagem mental norteia a concepção da representação. As imagens são o resultado do processo de pensamento.

Para Piaget (1961) o termo representação se refere a dois modos clássicos: a representação imagética (imagem mental), e a representação conceitual (conceitos). A representação imagética se refere à representação figurativa da realidade ausente, depende da individualidade. E a representação conceitual é um sistema de pensamento baseado nos conceitos adquiridos.

O ser humano possui essa necessidade de representar o mundo através da sua realidade subjetiva, ou seja, da sua noção de realidade. A realidade subjetiva é fruto do imaginário, que é comparada com a percepção e a interpretação pessoal, fazendo com que ela seja reelaborada de acordo com a realidade.

Adentrando mais profundamente a estes conceitos apresentados, podem-se sugerir os conceitos de Jung (2000) e Freud (2001), que são semelhantes em sua essência – relação ao inconsciente -, porém abordam conceitos diferentes.

⁴ Documento eletrônico.

⁵ Documento eletrônico.

⁶ Documento eletrônico.

Carl Jung (2000) estuda as imagens mentais no âmbito do inconsciente coletivo, e apresenta uma visão mais profunda, ao dizer que o indivíduo já nasce com um conteúdo psíquico que independe da experiencial individual. Jung explica que a mente trabalha com a interligação de imagens, de forma a criar ou recriar uma história. Isso ocorre porque sempre se procura um sentido para a imagem. Um exemplo disso poderia ser quando o indivíduo ouve uma música, que o faz se lembrar de certo momento de sua vida. Isso acontece porque a mente organiza as ideias colocando-as dentro de uma história ou contexto.

Os conteúdos que criam e mantêm a força de um símbolo têm origem nos extratos mais profundos da mente, que Carl Jung (2000) chama de arquétipos do inconsciente coletivo. Segundo Jung esses arquétipos são os responsáveis por estruturar a mente desde os primeiros momentos de vida, e se utilizam de símbolos para promover esta estruturação. Essa estruturação se dá a partir do sentido que a imagem encontra no inconsciente do indivíduo.

Freud (2001) também estudou inconsciente psíquico para estudar as representações e na sua teoria, as representações também estão relacionadas ao sistema nervoso do indivíduo. Assim como Jung, Freud diz que as representações se relacionam de forma associativa, assim como as imagens. As associações são oriundas de um processo cerebral, no qual o estímulo recebido pelo indivíduo passa por uma rede de neurônios associativos até chegar à região motora sensorial por meio de um mecanismo de reflexo. Quando isto ocorre, essa informação modifica as células centrais, gerando uma representação.

Para Freud (2001) as representações são unidades mentais originadas da percepção sensorial do indivíduo. Resumir-se-ia em dizer que quando um indivíduo capta uma nova imagem, essa imagem vai se propagar de forma associativa ou analógica em seu pensamento.

O mais pertinente para a presente pesquisa é a questão do caráter associativo, tanto das imagens quanto das representações.

Em relação à infância, Piaget refere-se ao pensamento da criança como infantil, em contrapartida ao pensamento do adulto que é classificado como simbólico. O pensamento infantil pode se caracterizar no intermediário do pensamento adulto – entre imagética e o pensamento conceitual⁷.

⁷ Este conceito foi abordado anteriormente.

Por isso, a relação imagem/representação ocorre de maneira diferente que nos adultos. Piaget explica como funciona essa relação nas diferentes fases do desenvolvimento infantil. Serão explicadas apenas as fases pertinentes ao presente estudo.

Segundo Piaget (1977) o desenvolvimento da criança passa por quatro estágios cognitivos: sensório-motor, pré-operatório, operatório concreto, operatório-formal. Para esta pesquisa se consideraram importantes os estágios: pré-operatório, operatório-concreto e operatório-formal, que abrangem as faixas etárias desta pesquisa.

O estágio pré-operatório (2 a 7 anos de idade): é a fase que surge a capacidade de substituir um objeto ou acontecimento por uma representação através de jogos, desenhos, imagem e pensamento. É a fase que são criados sistemas de imagens. Porém nesta fase, esse sistema de imagem não é analisado de forma coerente, mas sim de maneira imaginária e fantasiosa. Essa capacidade imaginativa permite a ela através das imagens mentais, transformar qualquer coisa no que ela quiser que seja. E só a partir dos 4 anos que a criança se torna capaz de distinguir o real da fantasia.

Para exemplificar como acontece a relação com a imagem nessa fase, pode-se utilizar o exemplo de Piaget: uma criança que possui um canário amarelo (este representa o simbólico) vai atribuir que todos os canários são amarelos (generalizar). As palavras abstratas que lhe são vistas ou ouvidas ficam ligadas às imagens concretas e somente se desvinculam disto mais tarde.

Operatório-concreto (7 a 11 anos): nesta fase é desenvolvida a consciência da criança. As crianças se tornam capazes de pensar através de objetos concretos, e não mais em abstrações. À medida que o pensamento conceitual e dedutivo se afirma, o pensamento simbólico e imagético diminui. Para exemplificar a relação com a imagem nesta fase, pode-se utilizar o exemplo anterior, a imagem do canário, que antes era generalizada como amarelo, já passa a ser azul, vermelho, entre outros. Nesta fase, a criança consegue perceber e fazer associações a ponto de acrescentar ao seu sistema mental que os canários não são somente amarelos. A criança passa a ser capaz de levar em conta acontecimentos já observados, e analisá-los de forma coerente.

Operatório-formal (11 anos em diante): nesta fase a criança concretiza os conhecimentos já adquiridos nas fases anteriores, adquire o padrão intelectual que

persistirá durante sua vida adulta. Segundo Piaget, seu desenvolvimento após isto consistirá numa ampliação de conhecimentos, mas não na aquisição de novos. A partir desta fase a criança já é capaz de raciocinar de forma lógica, e não se limita mais a representação imediata nem às relações existentes, consegue se basear em hipóteses.

A partir de todas as relações que ocorrem nos diferentes estágios do desenvolvimento infantil, as novas imagens são relacionadas e delimitadas a partir da vivência prévia e do conhecimento já acumulado pela criança. Isto indica que a bagagem cultural do indivíduo permanece com ele ao longo de sua vida e interfere na sua leitura de mundo, tanto presente quanto futura, interferindo também, no processo de assimilação de uma nova imagem.

Os significados e sentidos de todas as associações e analogias de imagens, lembranças e experiências feitas pela criança, através da sua percepção ficam abrigadas em seu imaginário, seja em qualquer fase de seu desenvolvimento. Esses conceitos e significados já atribuídos são retomados toda vez que ela percebe, vê ou ouve algo novo que faça alguma relação de sentido para ela com o que já foi armazenado.

2.1.1 Imaginário

Através das leituras estudadas, foram encontrados diversos conceitos para a palavra “imaginário”, foram exploradas apenas as definições adequadas ao assunto.

Juremir Machado da Silva (2006) em seus estudos, refere-se ao imaginário como a habilidade do indivíduo de representar o mundo e para isso ele se utiliza de um método de associação ou de analogias. Tais métodos atribuem sentido ao que foi visto, ouvido ou percebido. Através desta atribuição, é gerado uma rede de significados com uma base semântica. Esta rede irá armazenar os valores e significados que foram atribuídas pelo indivíduo em diversos momentos de aprendizado.

O imaginário é baseado na subjetividade de cada indivíduo e representa “[. . .] um reservatório/motor [. . .]” (SILVA J., 2006, p.11), onde estão armazenados os significados que o indivíduo atribuiu para si através das associações e analogias das experiências, imagens, lembranças e perspectivas percebidas. E pode ser considerado um motor, por motivar a realização de uma ação. O imaginário motiva a

concretização dos ideais de cada um. Nas palavras de Silva J. (2006, p.7) “[. . .] todo o imaginário é real. Todo o real é imaginário [. . .]”, e cada indivíduo faz de sua vida sua própria “[. . .] obra de arte [. . .]” (SILVA J., 2006, p.51).

Vygotsky (1992) confirma a ideia de que o imaginário e o real caminham juntos. Em suas palavras, “[. . .] a imaginação é um momento totalmente necessário, inseparável do pensamento realista [. . .]” (VYGOTSKY, 1992, p.128). Vygotsky comenta o distanciamento do real, quando uma criança lê uma história, por exemplo, ela viaja na sua imaginação se distanciando da realidade, o que permite que ela perceba melhor seu contexto pessoal e social.

As crianças, durante seus primeiros anos de vida, desenvolvem maneiras próprias de se relacionar com o mundo e com as pessoas ao seu redor. Elas constroem esquemas mentais de relações para com o seu meio. Um desses esquemas é o imaginário. No seu imaginário ficam guardadas suas lembranças, dúvidas, sonhos, medos e associações. Como dito anteriormente, a criança pequena não é capaz de distinguir o que é real do que é imaginação. De acordo com seu crescimento, a noção de realidade começa a ser introduzida pelos pais e pessoas que a cercam.

Um exemplo clássico a ser utilizado é uma criança que pela primeira vez lê ou que ouve que o bicho papão vive dentro do armário pode ter medo de abrir o armário, porque acredita que o bicho papão vive lá dentro. Enquanto essa visão não for desmitificada, essa ideia vai continuar em seu imaginário.

As crianças são movidas pelos seus imaginários, utilizando-se deles para tudo o que for apropriado para elas. Vygotsky (2007) salienta que a criança usa suas capacidades básicas como observação, imitação e imaginação para lidar com qualquer situação do seu dia-a-dia e para auxiliá-las a resolver pequenos conflitos gerados em seu cotidiano.

A imaginação funciona como um filme na cabeça da criança quando ela ouve algo e transforma em imagens mentais o que foi percebido por ela. Quando uma criança recebe um estímulo novo, esse estímulo é armazenado conforme o que ela acredita que aquilo signifique. Já quando ela recebe um estímulo que foi percebido anteriormente, isso pode acabar por mudar sua visão anterior, ou o novo estímulo pode ser ignorado, por não condizer com o que ela acredita.

Desta forma, a percepção de universo das crianças se dá através de experiências lúdicas. O universo infantil é rodeado por imaginação, encantamentos,

magias e fantasias, que projetam e interferem no futuro. O imaginário infantil intervém na maneira das crianças de pensar, ver e se relacionar com o mundo.

2.2 A LITERATURA INFANTIL E SUA IMPORTÂNCIA

A literatura infantil é o ramo da literatura normalmente destinada a crianças de dois até dez anos de idade. A literatura juvenil⁸, abrange a idade de dez até quinze anos. Entre as duas ainda existe a literatura infanto-juvenil, que abrange uma faixa etária entre as duas outras, normalmente convencionada de oito a doze anos, destinada tanto a crianças como a jovens adolescentes. Apesar de haver este tipo de recomendação de idade nos livros, a definição da faixa etária ainda é bastante questionável, e deve ser mais pesquisada e estudada, segundo muitos autores.

Silva (2009) afirma que a literatura infantil ultimamente se encontra em uma crise de valores, em que seu objetivo principal está sendo deturpado, e sua essência está sendo descaracterizada. Segundo o autor, isso se deve a duas questões: mercadológica e pedagógica.

A questão mercadológica aborda a ideia de que os livros estão sendo criados para atenderem as necessidades do mercado consumidor, e não do público alvo em si. Silva (2009, p.138) comenta que isso acontece, pois:

A literatura infantil é, muitas vezes, considerada uma literatura de massa, de menor qualidade, produzida em grande escala e pouco elaborada, pois o que o mercado deseja, nesse âmbito, é a venda e o consumo, a quantidade, não a qualidade.

Esta questão continua ocorrendo em função do próprio mercado consumidor, que ainda aceita essas características. Os pais, professores e até mesmo bibliotecários, optam pelo livro mais bonito, com a mais bela capa, colorido e com muitas ilustrações, sem se preocupar com o real conteúdo que o livro possa transmitir a criança.

Como explica Silva (2009) o livro como mercadoria acarreta na baixa qualidade dos livros que estão disponíveis no mercado e isso se deve ao fato de que são produzidos para um leitor “médio” – no caso, as crianças, que não são tratadas

⁸ Este tópico não será abordado por não ser considerado relevante ao estudo em questão.

como público-alvo – e “[. . .] são utilizados moldes e fórmulas prontas, sem diferenciações [. . .]” (SILVA, 2009, p.139) para cada produto.

A maior parte dos livros destinados ao público infantil possuem temas piegas e apresentam textos empobrecidos em busca do consumo desenfreado do mercado atual, que muitas vezes não procura a qualidade, mas sim um produto qualquer. (SILVA, 2009, p.139).

Por causa desse pensamento mercadológico que a literatura infantil é considerada de menor qualidade que a literatura em geral; observa-se também a redundância ou ausência de conteúdo que auxilie no desenvolvimento infantil.

Neste âmbito capitalista, a questão da faixa etária também pode ser considerada um fator consumista e comprometer a literatura em si, a partir do momento que ela se reduz a uma faixa de leitores.

[. . .] historicamente a faixa etária é constante na preocupação de produção dos livros para crianças, pois o mercado do livro precisa ser adequado ao consumo, devido a isto são elaboradas produções de acordo com o que o autor ou a editora imaginam agradar aos mediadores da leitura que têm a faixa etária como pressuposto para a leitura dos livros de literatura infantil. (SILVA et al., 2006, p.71).

Observa-se igualmente o preconceito de que a criança não tem capacidades intelectuais suficiente para entender certos tipos de livros ou histórias, gerando o estereótipo. Estereótipo este que limita o imaginário infantil ao dizer que os livros têm de ser escritos com uma linguagem simples, a história já tem de vir “mastigada” ao leitor por ele não ser capaz de decodificar aspectos mais complexos, e onde o mundo das histórias sempre é belo e termina com um final feliz.

Esta ideia da incapacidade da criança não é verídica e é recorrente pela falta de conhecimento do indivíduo em relação ao aprendizado infantil. Relacionando aos estudos de Piaget (1977), é comprovado que a criança a partir dos 4 anos já é capaz de distinguir o real da fantasia, e a partir dos 7 anos de idade, a criança consegue analisar os acontecimentos de forma coerente. A transmissão de ideias e conceitos novos, não só a repetição do mesmo tipo de história, contribui para o aumento do vocabulário e aprendizado para a criança.

Ainda há muitos questionamentos sobre a complexidade da literatura infantil, de acordo com Coelho (2000), sua definição muitas vezes ainda está conectada

erroneamente a ideia de livros que sugerem o belo, o colorido, e são destinados a distração da criança e ao prazer da leitura.

Outro aspecto que contribui com este conceito, é o caráter pedagógico do livro, Regina Zilberman (1985) salienta que essa relação ocorre, pois os primeiros textos escritos para as crianças possuíam caráter educativo e foram escritos por pedagogos e professores, como pretexto para ensinar conteúdos didáticos. O que gera um desentendimento, pois a literatura infantil não é reconhecida como arte, por ser reconhecida como pragmática e didático-pedagógica. O caráter educativo, muitas vezes, acaba por desapontar a criança.

Segundo Afrânio Coutinho⁹ (1978, p.8 apud SILVA 2009, p.140):

A Literatura é um fenômeno estético. É uma arte, a arte da palavra. Não visa a informar, ensinar, doutrinar, pregar, documentar. Acidentalmente, secundariamente, ela pode fazer isso, pode conter história, filosofia, ciência, religião. O literário ou o estético inclui precisamente o social, o histórico, o religioso, etc., porém transformando esse material em estético.

A literatura infantil deve ser reconhecida com valor semelhante à literatura em si e acima disto ser reconhecida como “arte”, sem ser utilizada somente como ferramenta didática. Ela possui valor por si só. O ato de ler um livro é sozinho uma experiência estética, que gera significações e associações com a vida e esse lado estético deveria ser também explorado.

O hábito da leitura na criança contribui para que o livro seja apreciado e reconhecido como arte. De acordo com Abramovich (1994, p.26):

[. . .] é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias [...] Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo [. . .].

Aprender a ouvir é o primeiro passo para a conscientização do papel da leitura na produção de conhecimento humano. É a partir da contação de histórias e, mais tarde, da leitura que a criança se reconhece enquanto agente da sua própria realidade.

⁹ COUTINHO, Afrânio. Que é Literatura e como ensiná-la. In: SILVA, Aline Luiza da. Trajetória da literatura infantil: da origem histórica e do conceito mercadológico ao caráter pedagógico na atualidade. **REGRAD**: Revista Eletrônica de Graduação do UNIVEM, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 135-149, 2009.

Flávia Ramos (2005, p. 143) associa a leitura da literatura ao seu aspecto formador de inteligência/desenvolvimento cognitivo e a relação livro/arte:

A literatura seria um desafio para a criança, contribuindo para torná-la mais inteligente, através da construção do sentido e da interação com o mundo proposto, de forma que a arte auxilia tanto na apropriação de valores culturais de determinado grupo social como na conquista da autonomia intelectual.

De acordo com Abramovich (1994), a literatura infantil ajuda à criança no conhecimento de suas próprias emoções, através da leitura a criança pode viver momentos de prazer e fantasia, pois, a literatura auxilia o desenvolvimento da criatividade, do imaginário, da curiosidade, instiga a reflexão e a crítica.

A mesma autora afirma que ler “[. . .] é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário [. . .]” (ABRAMOVICH, 1994, p. 17). A literatura se destaca por ter papel fundamental no estímulo da ludicidade e fantasia da criança, as histórias favorecem e suscitam o imaginário, através das representações que as crianças atribuem ao que foi visto ou percebido e “dão asas a sua imaginação” e criatividade.

Além do prazer e da diversão que a leitura proporciona, ela possui grande destaque no desenvolvimento intelectual da criança. A leitura de um livro permite à criança ampliação de seu vocabulário, o que ocasiona também em uma melhora na sua escrita, e isso aprimora o aprendizado escolar. A aproximação com o livro enriquece o desenvolvimento perceptivo e pessoal da criança - ela em sua relação consigo, e em relação com o mundo.

Conforme Bamberger (2010) há cinco estágios de desenvolvimento das crianças para com a literatura, para a pesquisa realizada, considerou-se relevante os estágios a, b e c:

a) Idade dos livros de gravuras e dos versos (de 2 a 5 ou 6 anos): é a fase do mágico e fantasioso, na qual a criança faz pouca diferença do real e do não real. Nessa fase a criança tem interesse nas cenas individualmente e nos sons dos versos, não faz muita relação da ação da história como um todo. Bamberger (2010) reforça que a literatura é capaz de auxiliar a criança a fazer a distinção do "eu" e o mundo, é importante apresentá-las os livros de gravuras.

b) Idade do conto de fadas (5 a 8 ou 9 anos): é a fase em que a criança prefere já prefere o realismo mágico como os contos de fadas, as lendas, as fábulas, entre outros. Esse tipo de literatura contribui para a imaginação, para o maravilhoso,

pois “Nessa fase do seu desenvolvimento a criança é essencialmente suscetível à fantasia.” (BAMBERGER, 2010, p. 34).

c) Idade da “leitura factual” (de 9 a 12 anos): é uma fase de transição, em que a criança começa a criar a visão de mundo de forma concreta. Ainda se interessa pela leitura do maravilhoso, mas prefere se interar com histórias e acontecimentos vivos que vão lhe orientar nessa fase.

d) Idade das histórias de aventuras (de 12 a 14 ou 15 anos): é a fase da pré-adolescência, na qual a criança já tem consciência da sua personalidade. Nessa fase a criança se interessa por histórias sensacionalistas, como aventuras emocionantes, histórias de suspense, histórias sentimentais, entre outros.

e) Os anos de maturidade (de 14 a 17 anos): é a fase da adolescência, em que as preferências de leitura orientam-se para aventuras mais intelectuais, que tratam de assuntos de interesse do adolescente nessa fase, como histórias de amor, temas relacionados aos seus interesses vocacionais, entre outros.

Essas fases auxiliam a identificar o tipo de histórias que as crianças mais se interessam em cada fase de seu crescimento e no que cada uma delas colabora no seu desenvolvimento. Cada gênero literário e tipo de história auxiliam a criança em aspectos diferentes do seu aprendizado.

2.3 ILUSTRAÇÃO

De maneira geral, o conceito de ilustração encontra-se normalmente vinculado a textos verbais, de modo a ser considerada como complemento da palavra escrita. Uma ilustração é definida como uma imagem, desenho ou pintura que tem o objetivo de explicar ou acrescentar informações a um texto de forma a facilitar sua compreensão, também pode auxiliar a caracterizar conceitos, situações, ações e até mesmo pessoas.

Em relação à literatura infantil, é muito comum encontrar muitas ilustrações nos livros e textos. Segundo Ramos e Panozzo (2005, p. 127):

[. . .] a compreensão da leitura de textos dirigidos à criança não se prende ao código verbal, mas faz uso de outros recursos, como ilustrações – importantes na interação do leitor com a palavra, já que elas complementam ou reforçam as idéias contidas no texto escrito.

Porém, considerar a ilustração como um complemento da palavra escrita dificulta a compreensão de que a ilustração tem sentido independente. Como Luís Camargo¹⁰ (2003) diz “Se entendemos que a ilustração é uma imagem que *acompanha* um texto, então, é preciso reconhecer que a ilustração não tem função isoladamente, mas só em relação a um texto”.

Ramos e Panozzo¹¹ (2004) também se posicionam em relação a essa problemática ao dizer:

[. . .] discordamos de que a ilustração seja apenas complemento. Ela é constituinte de uma linguagem própria, cuja função é produzir sentido, pelo diálogo que provoca com o leitor, por si mesma, como também na interação com a palavra. Dar brilho, sim, e constituir significados, seja isolada ou em sincretismo com a palavra. Ela pertence ao código visual, é linguagem constituindo diálogo com outras linguagens.

Desta forma, pode-se dizer que uma ilustração tem caráter ambíguo, é capaz de produzir sentido isoladamente, assim como pode colaborar a agregar sentido ao texto escrito. A ilustração pode ser utilizada para além da complementação do texto, ela serve como colaboradora do discurso.

Muito mais do que apenas *ornar* ou *elucidar* o texto, a ilustração pode, assim, representar, descrever, narrar, simbolizar, expressar, brincar, persuadir, normatizar, pontuar, além de enfatizar sua própria configuração, chamar atenção para o seu suporte ou para a linguagem visual. (CAMARGO¹², 2003).

Através do código visual, é possível significar a palavra escrita, visto que a imagem pode concordar com o texto, expressar ironias ou até mesmo enfatizar uma parte do discurso.

2.3.1 Funções da Ilustração

Geralmente uma ilustração representa mais de uma função em um texto. Segundo Camargo (1995), a mesma ilustração, seja no livro ilustrado ou no livro de imagens, pode representar várias funções.

¹⁰ Documento eletrônico. Disponível em:

<<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/poesiainfantilport.htm>>. Acesso em: 15 set. 2014.

¹¹ Documento eletrônico. Disponível em:

<https://pendientedemigracion.ucm.es/info/especulo/numero26/ima_infa.html>. Acesso em: 15 set. 2014.

¹² Documento eletrônico.

Camargo (1995) cita onze funções possíveis das ilustrações, sendo elas: função representativa, quando representa o personagem de forma a imitá-lo; função descritiva, quando detalha e descreve a aparência dos personagens; função narrativa, para mostrar a imagem em forma de ação; função simbólica, que sugere significados não-ditos; função expressiva, que expressa sentimentos, emoções e valores; função estética, enfatiza as características estéticas da mensagem visual; função lúdica, quando apresentada de forma abstrata, fazendo um jogo com o leitor; função conotativa, que influencia o comportamento do leitor; função metalinguística, quando a ilustração representa a si mesma; função fática, em que a imagem enfatiza o seu próprio suporte e função de pontuação, que pontua o texto, sinalizando início, as pausas e o fim.

Acerca dessas funções da ilustração, Ramos e Panozzo¹³ (2004) afirmam:

Camargo apresenta funções para a ilustração a partir do papel desempenhado por elas no livro. Essa classificação é realizada a partir do papel na estrutura do texto e não da sua recepção. Assim, a partir da função que ela desempenha no ato da recepção do livro infantil, pensamos que ela pode orientar a concretização do livro, atuar como um enigma a ser decifrado como também revelar a interação entre as linguagens. Esses são aspectos que implicam a leitura como compreensão e apropriação do texto para a produção de sentido pelo leitor.

A ilustração é essencial para a apropriação do texto pelo leitor – no caso a criança, pois é a partir dela que ele assimila o texto e forma sua opinião sobre o assunto. Para isso é importante que a função da ilustração seja a mais adequada para a finalidade do escritor (MASSONI, 2012, p. 125).

2.3.2 As Ilustrações na Literatura Infantil

Atualmente, somos bombardeados por uma grande quantidade de informações visuais, seja na televisão, *internet*, propaganda, entre outros. Esses diferentes tipos de mídia são responsáveis pelo controle das imagens que são transmitidas. As informações emitidas pelos meios de comunicação influenciam a forma de pensar do indivíduo e seu comportamento diante da sociedade. É a partir da interpretação que se atribui significado às imagens transmitidas.

Uma imagem já se encontra repleta de significados que refletem o ponto de vista de quem a criou. O que não significa que a imagem reproduza a realidade tal e

¹³ Documento eletrônico.

qual. Entender que uma imagem ou uma representação contempla o objeto real é o que ocasiona a criação de estereótipos.

Jardim¹⁴ (2000, p.76, apud MASSONI, 2012, p. 125) reforça que:

[. . .] as ilustrações têm servido de veículo para o reforço de estereótipos e preconceitos. Personagens más são invariavelmente feias, enquanto fadas, príncipes, princesas e heróis [sic] apresentam sempre um ótimo aspecto. A avó é geralmente representada por uma velhinha de cabelos brancos e coque, tricotando em uma cadeira de balanço, e o avô, por um velho gordo, de óculos na ponta do nariz, chinelos e com uma aparência bonachona. Mesmo em livros que contam histórias atuais, a mãe aparece de avental e espanador na mão; o pai, segurando uma pasta ou um jornal. A empregada, o marginal e o operário são quase sempre negros.

As imagens influenciam diretamente a construção do pensar, agir e ser das pessoas, principalmente nas crianças, que estão em fase de desenvolvimento cognitivo e que ainda não aprenderam a olhar para o mundo de forma crítica.

No momento em que a criança observa uma ilustração inserida em um texto, ela irá associar aquela imagem com o que está lendo.

Por isso pode-se dizer que as ilustrações nos livros infantis têm papel importantíssimo na educação do olhar da criança, tanto para si quanto para o mundo, como cita Ramos e Panozzo¹⁵ (2004):

Educar o olhar é capacitar para a crítica, processo complexo e que requer acesso e diálogo com a visualidade. Essa capacidade de criticar ocorre através de aquisições culturais e escolares, que se manifestam diante de objetos de natureza artística, através de um caminho próprio da recepção de um objeto estético, traduzido em seus códigos, interpretado em seu universo de sentido, como um saber especial.

Na medida em que se tem uma experiência estética, os sentidos e as sensações se afloram, gerando uma interpretação pessoal da experiência. A importância da experiência estética está não em seu resultado, mas na própria experiência, ao se deixar sentir e vivenciar o momento. É através das múltiplas apreciações que se compreende a subjetividade da experimentação, porque é possível observar diferentes significações entre cada indivíduo. Essas significações ocorrem em função da bagagem pessoal de cada um.

¹⁴ JARDIM, Mara Ferreira. Critérios para análise e seleção de textos de literatura Infantil. In: MASSONI, Luis Fernando Herbert. Ilustrações em Livros Infantis: alguns apontamentos. In: **DAPesquisa**: Revista do Centro de Artes da UDESC, Florianópolis, n. 9, 2012, P. 121-128.

¹⁵ Documento eletrônico.

No âmbito da literatura infantil, costuma-se encontrar muitas ilustrações nas produções literárias, uma vez que é convencionalizado que as crianças assimilam melhor o texto quando ele contém uma ilustração. Muitas crianças escolhem o livro pela quantidade de ilustrações contidas nele.

Segundo Vygotsky (1994), há dois tipos de elementos mediadores que atuam no processo de aprendizagem infantil, sendo eles os signos e os instrumentos. O signo atua no campo psicológico, na memória; enquanto o instrumento são os elementos externos capazes de transformar o ambiente. No caso da literatura infantil, os livros são estes instrumentos transformadores e neles se encontram os signos, que são as ilustrações e o texto escrito.

A ilustração na literatura infantil auxilia a criança a compreender e interpretar melhor o que está escrito em formato verbal. Possibilita a visualização do que está escrito, estimulando a sua aprendizagem e seu desenvolvimento estético que, por sua vez auxilia os processos cognitivos, uma vez que torna possível associar o significado da palavra ao signo visual. Como destaca Nunes ([2010?], p. 4-5):

[. . .] uma criança em processo de alfabetização, ao ler a palavra “bola” e identificá-la em uma ilustração, não apenas associa os significados entre uma linguagem e outra (verbal e visual) reforçando o alfabetismo, como também está compondo um repertório visual, um conjunto de signos imagéticos que utilizará para executar a função mediadora, conformizando de fato um processo de aprendizagem. É neste sentido que se percebe a relevância do papel das ilustrações em livros. As crianças de idade inferior aos oito anos se encontram na etapa de compor um repertório visual básico, no qual as imagens atuam como signos mediadores no processo de compreensão das mensagens veiculadas pela leitura.

A leitura por imagens é umas das primeiras formas de leitura aprendida pela criança. Como cita Bamberger (2010) as crianças entram em contato com as imagens antes do contato com as letras, em função disso, para os leitores iniciais, é necessário que o material contenha um grande número de ilustrações.

As ilustrações exercem uma atração redobrada sobre os principiantes e os maus leitores: elas ornamentam o texto, estimulam o interesse e dividem o livro de modo que a criança possa virar as páginas com frequência e ter a impressão de estar lendo depressa. (BAMBERGER, 2010, p.50).

Apesar da influência da ilustração no aprendizado, não se pode desmerecer a palavra escrita no desenvolvimento infantil. Como cita Costa (2010, p. 25):

Há, porém, na relação texto-imagem limites permanentes: nem a palavra consegue substituir a imagem, por mais que tente descrevê-la, nem a imagem é capaz de reproduzir a sonoridade da palavra e a multiplicidade de sentidos que ela é capaz de evocar. Mas, respeitando as respectivas idiosincrasias, texto e imagem podem somar-se e ampliar os sentidos das mensagens.

Portanto, tanto o texto quanto a ilustração são essenciais para a construção de significado na literatura infantil. Juntas, elas formam um terceiro item, que não é nem o texto literal nem a imagem em si, mas a união delas adicionada de um significado. Ou seja, “[. . .] texto e ilustração se complementam e possuem igual valor para construção de significado. A interação das duas linguagens abre possibilidades de leitura que apenas um código não oferece [. . .]” (RAMOS; PANOZZO, 2005, p. 128).

2.4 AS REPRESENTAÇÕES DO PROFISSIONAL BIBLIOTECÁRIO

Apesar da facilidade do acesso à informação, ainda hoje a função do bibliotecário é desconhecida para a maioria da população. Para os profissionais da área de biblioteconomia ainda é comum ouvir a frase “Biblio, o quê?” quando mencionado o campo de atuação.

Um verbete do jornal de Minas Gerais, escrito pelo Conselho Regional de Biblioteconomia, esclarece e apóia:

O Bibliotecário é um profissional de nível superior que atua no mercado de trabalho com uma visão ampla e objetiva da sociedade e de seus variados segmentos. Ele tem como base de seu trabalho, a informação e as técnicas de organização e disseminação deste insumo, tornando-se um filtrador e mediador da informação nos diversos ambientes em que desenvolve suas atividades.

O bibliotecário é capaz de atuar em qualquer função que vise à organização e obtenção de informações economizando tempo e recursos para seus clientes, além de colocar ao seu alcance informações já selecionadas, precisas e de fundamental importância para as instituições.

O campo de atuação deste profissional é amplo e diversificado, pois na atual “Sociedade da Informação” ele se torna o agente mais preparado e dinâmico para lidar com as novas tecnologias e formas de acesso e armazenamento do conhecimento produzido. 12 de março, dia do Bibliotecário, o profissional que faz a diferença nas instituições que almejam o sucesso.

O Conselho Regional de Biblioteconomia da 6ª Região parabeniza os Bibliotecários no seu dia e convida a todos a conhecerem esta profissão, que apesar de milenar, continua moderna e promissora. (CONSELHO REGIONAL DE BIBLIOTECONOMIA DA 6ª REGIÃO, 2008).

Souto (2005) destaca que a Biblioteconomia ainda é dotada de estereótipos por toda a sociedade, mesmo depois de tantas mudanças já ocorridas na própria área. Os estereótipos estão normalmente interligados a conceitos negativos e se definem como:

[. . .] generalizações, ou pressupostos, que as pessoas fazem sobre as características ou comportamentos de grupos sociais específicos ou tipos de indivíduos. O estereótipo é geralmente imposto segundo as características externas, tais como a aparência (cabelos, olhos, pele), roupas, condição financeira, comportamentos, cultura, sexualidade, sendo estas classificações (rotulagens) nem sempre positivas, podendo, muitas vezes, causar certos impactos negativos nas pessoas. (MARTINEZ¹⁶, [2014?]).

Na Biblioteconomia, os estereótipos atribuídos à profissão normalmente se referem ao gênero (maioria mulheres), à idade (geralmente pessoas mais velhas), à aparência (coque, uso de óculos) e ao comportamento (mau humor e desinteresse ao usuário). Como destacado:

[. . .] o aspecto visual e comportamental dos bibliotecários realmente permeia o imaginário popular, associando a profissão a mulheres, em geral idosas e, especialmente, com dois adereços principais, como uma espécie de marca registrada, que são os indefectíveis óculos e o famigerado coque nos cabelos, além de uma postura geralmente antagônica e pouco receptiva para os usuários, provavelmente em gesto que indique um enfático pedido de silêncio. (WALTER; BAPTISTA, 2007, p.30).

Um estereótipo nasce a partir da repetição de determinada característica ou imagem. Através da recorrência e persistência dessas características, o indivíduo absorve uma compreensão identitária da imagem, essa compreensão educa o olhar e armazena na memória do que foi entendido. Essa atribuição fortalece o imaginário (SILVA A., 2006, p. 103).

A imagem, normalmente negativa da profissão, pode derivar das experiências pessoais do indivíduo. Essas experiências podem ser geradas na infância, através das vivências com o ambiente da biblioteca, com o bibliotecário, ou até por meio das mídias e conversas informais.

O ambiente escolar – normalmente o local de primeiro contato da criança com a biblioteca, pode ser um desses ambientes de proliferação de estereótipos. “A biblioteca escolar no Brasil apresenta problemas estruturais e políticos que fazem

¹⁶ Documento eletrônico. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/sociologia/estereotipo/>>. Acesso em: 2 out. 2014.

desse assunto uma problemática nacional.” (SALGADO¹⁷; BECKER, 1998). Esses problemas referem-se a uma estrutura caótica; falta de conscientização dada ao ambiente; falta de investimento na biblioteca; ausência de profissionais qualificados que atuem nestes ambientes, que pode contribuir para o desgosto dos profissionais no local de atuação.

Devido a essa problemática, muitas vezes os verdadeiros objetivos da biblioteca escolar acabam por não serem cumpridos, e os profissionais que atuam nesses ambientes, tendem a se acomodar com a situação precária.

A biblioteca escolar contribui “[. . .] com a escola no processo de ensino/aprendizagem, ou seja, desempenhando um importante papel na educação da população [. . .]” (SALGADO; BECKER, 1998). O bibliotecário escolar tem dentre suas funções cruciais educar, e ele pode não estar preparado ou motivado. Em alguns casos a biblioteca é administrada por um profissional que não é graduado na área.

Outro aspecto a ser observado é que, geralmente, o bibliotecário não está à frente da biblioteca, mas em uma sala separada, desempenhando trabalho técnico ou outras funções. Mesmo o usuário frequente não sabe distinguir quem é e o que faz o bibliotecário. Essa situação também ocasiona no desconhecimento da profissão, pois o usuário não interagindo diretamente com o profissional, nem sequer o conhecendo, impossibilita que ele saiba as atividades e a importância do profissional na biblioteca.

De acordo com Jacobsen (2010, p. 25) “[. . .] a imagem de uma profissão constrói-se a partir das atitudes e do comprometimento de seus profissionais e de como estes se refletem na percepção da sociedade.”. A postura que o bibliotecário possui em seu ambiente de trabalho, e as atividades que ele exerce, refletem diretamente na imagem que o usuário vai recordar do profissional. E todas estas questões citadas anteriormente, contribuem para uma imagem equivocada do ofício.

A imagem que o usuário tem do profissional, no caso daqueles que não tiveram contato com o bibliotecário, pode originar de outros meios, como as mídias. Conforme Walter e Baptista (2007, p. 28):

¹⁷ Documento eletrônico. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/18/58>>. Acesso em: 15 set. 2014.

Televisões, filmes, livros e outros veículos de comunicação contribuem para esse fenômeno de estereótipos, que podem ser caricatos dependendo da intenção de potencializar as virtudes ou os defeitos, de forma a conseguir atrair a atenção das pessoas para os aspectos que se deseja ressaltar.

Os meios de comunicação em massa contribuem para a formação de estereótipos, pois influenciam a opinião do público que os acompanha. A imagem do profissional bibliotecário disseminada, não deixa de advir da imagem que seu propagador possui e essa imagem pode estar diretamente ligada com suas experiências pessoais com a profissão.

Os estereótipos divulgados, contribuindo para a formação da opinião sobre a profissão, uma vez que estabelecidos, irão reproduzir a visão que a sociedade tem do ofício. O modo com que o profissional é representado pela mídia não deixa de demonstrar a forma com que ele é visto pela sociedade, ou pelo menos pela maioria dela. Apesar da pluralidade dos meios de comunicação, foi escolhida a literatura infantil, a fim de analisar a representação do bibliotecário, devido a questão temporal da pesquisa.

3 METODOLOGIA

A metodologia é o estudo dos caminhos adotados para se chegar ao fim proposto por uma pesquisa ou um estudo.

Conforme Gerhardt e Souza:

É importante salientar a diferença entre metodologia e métodos. A metodologia se interessa pela validade do caminho escolhido para se chegar ao fim proposto pela pesquisa; portanto, não deve ser confundida com o conteúdo (teoria) nem com os procedimentos (métodos e técnicas). Dessa forma, a metodologia vai além da descrição dos procedimentos (métodos e técnicas a serem utilizados na pesquisa), indicando a escolha teórica realizada pelo pesquisador para abordar o objeto de estudo. (2009, p.13).

Esta pesquisa visou analisar a representação do bibliotecário como personagem da literatura infantil.

A metodologia utilizada para esta pesquisa foi básica documental de cunho exploratório, com abordagem quali-quantitativa. Os métodos utilizados para a análise foram baseados no método de análise de conteúdo.

Na metodologia serão descritos os procedimentos utilizados para a realização da pesquisa, e irá se explicar e justificar a escolha da metodologia e dos métodos em cima de embasamento teórico especializado. Será especificado o tipo e objeto de estudo, o instrumento de coleta de dados e o plano de análise dos dados.

3.1 TIPO DE ESTUDO

Como mencionado anteriormente, a pesquisa realizada foi de natureza básica e utilizou-se de fontes documentais e abordagem quali-quantitativa.

De acordo com a literatura especializada, identificou-se a pesquisa básica por objetivar, gerar conhecimentos novos, mas não ter aplicação prática prevista (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p. 34), documental por recorrer a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico (FONSECA, 2002, p. 32), neste caso, os livros infantis, e exploratória, por ter como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vista a torná-lo explícito ou construir hipóteses, abordando neste caso a temática da literatura infantil (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p. 35).

Gil (2008) confirma a ideia de que uma pesquisa exploratória tem o objetivo de proporcionar maior visibilidade acerca do tema abordado, que normalmente se trata de um tema pouco explorado, difícil de construir hipóteses, e pode ser vista como a primeira etapa de uma investigação mais ampla sobre o tema.

A abordagem da pesquisa foi qualiquantitativa, qualitativa em sua totalidade e quantitativa somente no momento de apresentação dos resultados. A escolha em formato de percentuais e gráficos objetivou auxiliar a melhor visualização dos dados coletados. Os dados foram reunidos por meio da descrição do material em uma ficha de leitura, pois a pesquisa “[. . .] não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. [. . .]” (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p. 31).

3.2 OBJETOS DE ESTUDO

Os objetos deste estudo foram 20 obras de literatura infantil, de gêneros literários diversos, com exceção de livros didáticos, nas quais o profissional bibliotecário é personagem da história. Foi escolhido o total de 20 obras pela dificuldade de encontrar obras que condissessem com a pesquisa em questão, mesmo não sendo considerada uma amostra muito ampla, foi o máximo encontrado no tempo da pesquisa, em função da dificuldade de localização, e se demonstra capaz de atender o objetivo proposto pelo estudo.

O corpus documental da pesquisa foi escolhido através de pesquisa na web em catálogos e por sugestões de bibliotecários de bibliotecas especializadas e escolares. As sugestões por parte dos bibliotecários foram dadas de forma virtual e pessoal, por profissionais a nível nacional. Inicialmente foi dada prioridade as sugestões dos próprios profissionais da área especializados no campo de estudo em questão, pois em função de critérios de indexação é difícil recuperar as informações de forma desejada.

3.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Para a análise das representações do bibliotecário na literatura infantil o instrumento de coleta de dados foi uma ficha de leitura (APÊNDICE A), preenchida com informações de cada personagem identificado. A ficha de leitura contém

informações sobre os personagens consideradas pertinentes ao cumprimento dos objetivos desta pesquisa, como: características físicas, de ação ou de personalidade do personagem consideradas importantes de serem destacadas; uma análise da forma e do local de atuação que o personagem aparece; se há ilustrações na obra e também conta com uma breve descrição do contexto da história em que ele encontra-se inserido.

3.4 ANÁLISE DOS DADOS

O método de pesquisa utilizado para análise dos dados resgatados na ficha de leitura foi baseado no método de análise de conteúdo. A análise de conteúdo é o:

[. . .] conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos, e objectivos [sic] de descrição de conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, c1977, p.42).

A análise de conteúdo se difere e se caracteriza das outras análises por somente ela cumprir com os requisitos de sistematicidade e confiabilidade (FONSECA JÚNIOR, 2009). Segundo Lozano¹⁸ (1994, p. 141-142, apud FONSECA JÚNIOR, 2009, p. 286):

[. . .] a análise de conteúdo é sistemática porque se baseia num conjunto de procedimentos que se aplicam da mesma forma a todo o conteúdo analisável. É também confiável - ou objetiva – porque permite que diferentes pessoas, aplicando em separado as mesmas categorias à mesma amostra de mensagens, podem chegar às mesmas conclusões.

No caso desta pesquisa, a sistematicidade se dá no momento que ao preencher a ficha de leitura, não há nenhuma particularidade, as questões são as mesmas para todos os personagens e a confiabilidade é possível, pois os resultados são analisados seguindo um roteiro específico, objetivo e não passível de interpretação pessoal.

¹⁸ LOZANO, José Carlos. Hacia la reconsideración del análisis de contenido em la investigación de los mensajes comunicacionales. In: FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa da. Análise de conteúdo. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009. P. 280-304.

A análise do material se estruturou nas três etapas que constituem o método de análise de conteúdo, que segundo Bardin (c1977) são eles: a pré-análise; a exploração do material; o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. Neste estudo, a pré-análise se deu no momento da escolha do material, no qual se verificou se os livros escolhidos atenderam aos requisitos procurados para realização da pesquisa. Após, o conteúdo analisado foi descrito de forma sistemática e objetiva na ficha de leitura preenchendo os requisitos pertinentes à pesquisa, por fim os dados descritos foram analisados e interpretados a fim de gerar conhecimento a respeito do tema por meio das variáveis inferidas. A análise foi dividida em dois momentos: as categorias de ação foram descritas de forma analítica como consta no método e os dados considerados relevantes descritos foram interpretados e inferidos; para as demais categorias preenchidas, os dados coletados foram interpretados em formato de percentual para facilitar a visualização mais clara dos resultados obtidos.

3.5 LIMITAÇÕES DO ESTUDO

Conforme a pesquisa foi sendo realizada, observaram-se algumas limitações que dificultaram um pouco o andamento do processo, foram:

- a) pouca produção literária infantil contendo o personagem proposto;
- b) dificuldade em descobrir os livros em função de critérios de indexação;
- c) dificuldade em encontrar os livros em bibliotecas, livrarias e sebos.

4 APRESENTAÇÃO DAS OBRAS

As obras que compõem o corpus da pesquisa são obras de literatura infantil de gêneros variados, como poesia narrativa e contos de fadas. Algumas obras abrangem uma faixa etária um pouco mais extensa da infantil, e também são consideradas literatura infanto-juvenil. De qualquer forma, para a pesquisa considerou-se as obras classificadas como infantis. Essas obras serão apresentadas abaixo.

4.1 LITERATURA INFANTIL

Compõem a literatura infantil 20 obras, sendo elas: o conto “Memórias de um Herói Caduco” da obra **Ana de Salto Alto**, Sergio Caparelli; **Atrás da Porta**, de Ruth Rocha; **Beatrice Não Quer**, de Laura Numeroff; **Carrapicho**, de Cecília da Silveira Liedemann; **Dewey: o gato da biblioteca**, de Vicki Myron; **Diário de Uma Garota Nada Popular**, de Rachel Renée Russel; **Encrenca na Biblioteca**, de Rosana Rios; **Era Mais Uma Vez Outra Vez**, Glaucia Lewicki; **Guerra na Biblioteca**, de Lino Albergaria; **Judy Moody Adivinha o Futuro**, de Megan McDonald; **Kimbaló**, de Elô Fernandes e Helô Bacichette; **Matilda**, de Roal Dahl; **Miguel e a Quinta Série**, Lino de Albergaria; **Monstros e Medos**, Tatiana Belinky; **Na Biblioteca**, Mark S. Bernthal; **O Clube da Biblioteca Contra a Bruxa Pestiléia**, de Jerônimo Jardim; **Pânico na Biblioteca**, de Eoin Coifer; **Querido Diário Otário: não é minha culpa se eu sei de tudo**, de Jim Benton; **Um Rato na Biblioteca**, de Carlos Augusto Segato; **Uma Graça de Traça**, Carlos Ubim.

4.1.1 Ana de Salto Alto, de Sérgio Caparelli

Obra composta de sete contos, na qual somente um deles foi utilizado para análise, intitulado Memórias de um Herói Caduco. Este conto narra as memórias de um senhor idoso sobre um dia que foi à Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul fazer um trabalho sobre a fundação de Porto Alegre. A bibliotecária aparece como uma senhora idosa que faz o atendimento na biblioteca e não demonstra interesse pelo usuário.

4.1.2 Atrás da Porta, de Ruth Rocha

A obra conta a história de Carlinhos, um menino que morava em uma casa que foi de sua avó, Dona Carlotinha, do lado de sua escola. Dona Carlotinha já havia partido e o menino ainda sentia muita falta da sua avó e de todas suas histórias e brincadeiras, tanta falta que dormia no quarto que era da avó e vivia brincando com as coisas que haviam ficado lá. Um dia Carlinhos descobre uma passagem secreta no quarto e quando entra percebe que a passagem dá para uma biblioteca, a biblioteca da escola. Lá dentro o menino encontrou os livros de todas as histórias que sua avó contava quando ainda era viva. Carlinhos não agüentou guardar segredo e acabou contando para todas as crianças do bairro, que passaram a visitar todos os dias a biblioteca. Neste livro, o conceito de uma bibliotecária não fica explícito, pois a personagem já é falecida, não dando grandes detalhes de sua atuação na biblioteca.

4.1.3 Beatrice Não Quer, de Laura Numeroff

A obra fala de Beatrice, uma menina que não gostava de ler, muito menos de ir à biblioteca. Um dia seu irmão Henry, com quem ela passava as tardes, teve que fazer um trabalho da escola e levou Beatrice de arrasto para a biblioteca. Depois de muito sacrifício, Henry leva Beatrice enganada para a sala onde a bibliotecária vai realizar a hora do conto. Ao ouvir a história contada pela bibliotecária, Beatrice começa a gostar dos livros e não quer mais sair da biblioteca. O interessante desta história é que todos os personagens são cães.

4.1.4 Carrapicho, de Cecília da Silveira Liedemann

A obra conta a história de Carrapicho, uma menina que mora na vila de Ventania, localizada no fim do mundo. É órfã de pai e mãe, pois eles sumiram em um dos vendavais misteriosos que aconteciam na vila de Ventania, batizada com este nome justamente por esses acontecimentos. Carrapicho era inconformada com o sumiço dos pais e de muitas outras pessoas da vila e com a ajuda do mestre Adelino, um senhor de 180 anos que a ajudava a pesquisar sobre o assunto, resolveram bolar um plano para descobrir o que aconteceu com as pessoas da vila.

Tal plano sugere que a menina deixe ser levada por um dos vendavais misteriosos para tentar descobrir onde estão as pessoas desaparecidas. Ao final da história, após um final feliz para todos e para a menina que recuperou sua família, anos se passaram e Carrapicho decidiu cuidar do que mais amava, os livros, e assim virou a bibliotecária da Biblioteca Central de Ventania.

4.1.5 Dewey: o gato da biblioteca, de Vicki Myron e Bret Witter

A obra narra a história do gatinho Dewey Leia Mais Livros, que foi abandonado na porta da biblioteca da cidade de Spencer, nos Estados Unidos. Ele foi achado pela bibliotecária Vicki, que o resgatou e resolveu ficar com ele. Ela o nomeou como Dewey, e o deixou como sendo o gato da biblioteca. Dewey se diverte na biblioteca, ajuda até as crianças a gostarem dos livros.

4.1.6 Diário de Uma Garota Nada Popular, de Rachel Renée Russel

Esta obra faz parte de uma coleção de diários da personagem Nikki Russel. Uma menina que não é nada popular na sua escola. Neste diário ela conta seu dia a dia, e suas frustrações por não ser popular e não ter quem a convide a ir ao baile. Nikki e suas amigas Chloe e Zoey trabalham como assistentes de organização da biblioteca no quinto período da aula com a bibliotecária Sra. Peach, e elas adoram.

4.1.7 Encrenca na Biblioteca, de Rosana Rios e Silvana D'avino

Esta obra trata de uma mistura de livro de entretenimento e livro didático, ao mesmo tempo em que a criança lê a história, resolve exercícios de língua portuguesa, matemática, história, geografia e ciências relacionados com a história que é contada. A história é de suspense, e conta de um roubo que ocorre na Biblioteca Dom Quixote durante uma exposição de objetos indígenas. As crianças do bairro freqüentam a biblioteca regularmente, além de utilizarem a praça da biblioteca como ponto de encontro. O papel do bibliotecário fica com Rafel, “o bibliotecário mais simpático de todos” como dito pelas crianças, que juntamente com elas desvenda o mistério do roubo.

4.1.8 Era Mais Uma Vez Outra Vez, Glauca Lewicki

Esta obra é narrada por um personagem de um livro de conto de fadas, que depois de anos na estante da biblioteca é escolhido por uma leitora. A partir daí o narrador da história se assusta, pois percebe que está tudo fora de ordem, os personagens estão perdidos, e ele vai ter que organizar a história para a menina conseguir lê-lo. A bibliotecária aparece somente como mediadora de leitura entre o personagem narrador da história e a leitora que o escolhe, quando entrega o livro escolhido para a menina.

4.1.9 Guerra na Biblioteca, de Lino de Albergaria

Esta obra conta com duas personagens bibliotecárias, em que uma é o oposto da outra. Narra a história de um grupo de jovens que são designados pelo professor a fazer um trabalho sobre a Guerra dos Emboabas na biblioteca da escola. Depois de serem praticamente expulsos do local pela bibliotecária Dona Etelvina – antipática e rigorosa, por fazerem barulho na biblioteca. O professor resolve levá-los a biblioteca pública da cidade para que eles possam concluir seus trabalhos. Lá eles se deparam com uma realidade totalmente diferente. A bibliotecária Lurdinha é uma moça jovem, bonita, simpática e prestativa. Na biblioteca pública o grupo de colegas vive diversas aventuras, após descobrirem que Lurdinha foi seqüestrada, e junto com os professores ajudam a resgatá-la.

4.1.10 Judy Moody Adivinha o Futuro, de Megan McDonald

Esta obra é o quarto livro de uma coleção sobre as histórias da vida de uma menina chamada Judy Moody. O livro narra a história de Judy depois de encontrar um anel de humor dentro de uma caixa de cereal, ela começa a acreditar que pode ver o futuro, e tenta convencer todos disto. Depois de uma tarefa dada pelo professor, Judy vai com seu colega Frank a biblioteca, mas ela está tão interessada em prever o futuro que desvia o assunto do trabalho, pede ajuda a bibliotecária Lina, e pega um livro sobre pessoas que adivinham o futuro. Depois de tanto esforço, Judy finalmente consegue “adivinhar” uma previsão, convencendo a todos de seu dom.

4.1.11 Kimbaló, de Elô Fernandes e Helô Bacichette

Obra composta de poesias, das quais somente uma foi utilizada para análise, intitulada como Alexandria Byblos. Trata-se de uma poesia pequena que fala de uma menina que amava livros e depois que cresceu virou bibliotecária.

4.1.12 Matilda, de Roal Dahl

Esta obra conta a história de Matilda, uma menina muito sensível e inteligente. Matilda desde criança foi mais evoluída do que as outras crianças, começou a ler com apenas três anos de idade. O problema é que os pais da menina não demonstram nenhum interesse pela filha, e não estimulam em nada a não ser ver TV e ficar quieta. Um dia Matilde decide ir a biblioteca atrás de mais livros para ler, pois na sua casa ela já leu todos. Na biblioteca ela conhece a bibliotecária sra. Felps, que fica espantada com o conhecimento da menina, mas mesmo assim sempre a ajuda a escolher os livros para ler. Uma história de rejeição de pais que tem tudo para ter um final triste, mas acaba sendo feliz. Matilda é adotada por uma professora da escola que a ajuda em seu desenvolvimento, as duas se gostam muito e ficam muito felizes com isso.

4.1.13 Miguel e a Quinta Série, Lino de Albergaria

Esta obra conta a história de Miguel, na sua transição para a quinta série. O menino conta suas frustrações e os acontecimentos na escola. Miguel é um menino que não se adapta muito bem com mudanças, e demora a se adaptar com a nova série. Depois de um tempo o menino começa a fazer amizades e se enturmar com seus colegas e a visão ruim da série muda. Miguel conhece a bibliotecária Araci quando seu professor de história dá uma tarefa em grupo a ser realizada. Araci auxilia os meninos no trabalho dado pelo professor.

4.1.14 Monstros e Medos, Tatiana Belinky

Esta obra contém duas narrativas, uma contada pelo narrador do livro e após a história é narrada por um próprio personagem do livro que as crianças escolhem.

Os personagens são Luli e Dudi, irmãos gêmeos que vão a biblioteca pegar um livro para ler. Na biblioteca são deparados com a bibliotecária, que incentiva e estimula as crianças a lerem, passando para as crianças a ideia de que o livro é um objeto mágico.

4.1.15 Na Biblioteca, de Mark S. Bernthal

Esta obra faz parte de uma coleção, “Coleção Barney e você”. Conta a história de Barney que vai devolver uns livros na biblioteca e decide levar sua amiga Bety Bop junto com ele, já que ela nunca foi a uma biblioteca. Lá Bety Bop é apresentada a bibliotecária Dona Sandra, que junto com Barney mostra para ela tudo o que se tem para se fazer na biblioteca.

4.1.16 O Clube da Biblioteca Contra a Bruxa Pestiléia, de Jerônimo Jardim

Nesta obra, há uma ideia de conscientização ambiental, destacando o problema da falta de saneamento básico. É contada a história de um grupo de amigos que se une para combater os planos de uma bruxa chamada Pestiléia, que quer instalar uma Grande Peste na cidade. O grupo de amigos faz parte do clube da biblioteca da escola, criado pela “tia” Elaine, para que eles pudessem discutir sobre os assuntos mais diversos de seus interesses. Nesta história o papel de bibliotecária fica com a Tia Elaine da biblioteca, como é chamada pelos alunos. Não é especificado no livro que ela é bibliotecária, porém é ela que está à frente na biblioteca. É um livro de 1991 que descreve o cargo ocupado talvez por uma professora da escola, como ainda é muito visto atualmente.

4.1.17 Pânico na Biblioteca, de Eoin Colfer

Esta obra conta a história de Eduardo e seu irmão Marcos, que são obrigados pela mãe a passar duas horas por dia de suas férias na biblioteca. Porém, isto para eles se torna motivo de pânico, pois na biblioteca vive a lendária bibliotecária Dona Batata, apelidada assim pelas crianças do bairro por dizerem que ela possui um lançador de batatas a gás que toca nos seus usuários. Quando os irmãos ingressam na biblioteca, a bibliotecária os impõem diversas regras, sendo uma delas que eles

deveriam ficar em um espaço demarcado na biblioteca por um tapete, que seria o espaço da literatura infantil. Um dia de tanto serem obrigados, Marquinhos e Duda realmente começam a sentir vontade de ler os livros da biblioteca, e lêem tanto que se esgotam as possibilidades de leitura na seção infantil e eles são obrigados a infringir a regra da bibliotecária para poder pegar livros em outras seções. Após infringir a regra do tapete e pegar um livro da seção adulta, a bibliotecária percebe que algo está errado e vai até eles, que ficam morrendo de medo de serem “embatados” por ela. Com isso dona Ângela nota o real interesse dos irmãos na leitura e mesmo eles tendo infringido as regras, começa a ser mais gentil com os meninos, permitindo que eles leiam outros tipos de livros. Os meninos então passam a chamá-la pelo nome, e não mais de Dona Batata.

4.1.18 Querido Diário Otário: não é minha culpa se eu sei de tudo, de Jim Benton

Esta obra é o oitavo livro de uma coleção de diários de uma menina chamada Jamie Kelly. Neste livro a menina narra os acontecimentos de seu dia a dia durante vinte e seis dias. Jamie relata o dia em que seu professor senhor Evans dá uma tarefa em aula em que os alunos devem escrever um diário durante três semanas, depois este diário será digitado e disponibilizado para que todos possam ler. Jamie acha um absurdo, pois para ela os diários são pessoais, e não podem ser lidos por todo mundo. Inconformada com essa situação, Jamie discorda da tarefa, com isso acaba deixando seu professor muito irritado, que em contra proposta manda Jamie ajudar a bibliotecária senhora Penney a digitar os diários.

4.1.19 Um Rato na Biblioteca, de Carlos Augusto Segato

A obra conta a história de Aspônsio, um ratinho que juntamente com a rataria da vizinhança invadiam a biblioteca todas as noites para devorar os livros. Porém Aponsito, chamado assim por seus colegas por ser muito pequeno e magrinho, quando achava um livro interessante e com muitas gravuras, ficava apreciando as histórias ao invés de destruir, e quando resolvia roer, roia pouco para não danificá-los tanto. A história cria forma e sentido quando a bibliotecária, arrasada com tantos

ataques de ratos ao acervo da biblioteca, pega emprestado um gato da livraria da rua para a biblioteca para tentar controlar com os estragos.

4.1.20 Uma Graça de Traça, de Carlos Ubim

A obra conta a história de Biblió. Uma traça que vive em meio a uma estante de livros infantis da biblioteca de uma velha escola. Ela só se alimentava de livros e relatórios que ninguém procurava mais, mesmo sendo uma traça, zelava por preservar os livros infantis. Um dia uma fada protetora dos escritores que escrevem para as crianças desfeitiçou a traça Biblió, que na verdade era uma Princesa condenada pela Bruxa Analfabeta a acabar com os livros. Vivendo novamente como princesa, fez o vestibular da época e vira bibliotecária da Biblioteca Real.

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DO PERSONAGEM BIBLIOTECÁRIO NAS OBRAS PESQUISADAS

Nas 20 obras analisadas, o profissional bibliotecário aparece representado em 21 personagens. Para a análise dos personagens foram avaliadas características consideradas relevantes para o cumprimento dos objetivos desta pesquisa. Essas características foram divididas em: físicas; de personalidade e de ação. Além disso, foi analisada a forma e o local de atuação que o personagem aparece e se há ilustrações do personagem na obra.

Para as características físicas encontradas, foram estipuladas seis categorias para análise, sendo elas: gênero, faixa etária, altura, porte físico, uso de óculos e boa aparência.

A categoria gênero foi dividida em duas subdivisões: feminino e masculino. A categoria faixa etária foi subdividida em: jovem, adulto (meia idade), idoso e não identificado. Esta última para aqueles em que as informações não são descritas ou citadas na obra. No caso das idades identificadas no texto, foram selecionados critérios para esta divisão, como: personagem de até 30 anos, considerado jovem; personagem de 31 até 60 anos, adulto (meia idade); a partir de 60 anos personagem considerado idoso. Nos outros casos, a definição de idade se aplicou de acordo com o que foi demonstrado na história que o personagem pareça ter.

A categoria altura compreende três subdivisões: alto, baixo e não identificado. Já a categoria porte atlético foi dividida em: gordo, magro e não identificado. Para as duas categorias a subdivisão 'não identificado' representa as características que não foram mencionadas no texto, consideradas irrelevantes.

Por fim as categorias: uso de óculos e boa aparência foram identificadas somente por sim, não ou não identificado. Abrangendo aqueles, da mesma forma das outras categorias, não foram descritas na obra.

Para as características de personalidade do personagem foram analisadas três categorias: empatia, atenção ao usuário e imagem formada pelo usuário sobre o bibliotecário. Dentre todas as categorias, há a subdivisão 'não identificado', da mesma forma que nas outras categorias, essa opção significa quando a informação procurada não é mencionada na história ou não é possível identificá-la.

A categoria empatia representou três subdivisões: simpático, antipático e não identificado. A opção simpático para quando o personagem age de maneira sutil e

de bom humor, e antipático para quando suas ações são grosseiras, mal humoradas e impacientes.

A categoria atenção ao usuário abrange as subdivisões: sim, não e não identificado. A primeira indica quando o personagem demonstra interesse ao usuário a suas necessidades, possivelmente até ajudá-lo a solucionar possíveis problemas. Já a segunda é quando o bibliotecário não interage ou não é prestativo ao seu usuário. Ambas foram analisadas de acordo com as ações do personagem descritas pela obra para com o usuário em seu ambiente de trabalho.

A categoria imagem formada pelo usuário sobre o bibliotecário apresenta as opções: positiva, negativa e não identificado. Essas categorias representam a imagem que o profissional bibliotecário na história em questão passa aos demais personagens, sendo ela positiva ou negativa, dependendo do contexto de sua atuação.

Para as características de ação não há subdivisões, foi analisada através da descrição de trechos das histórias contendo ações do personagem.

Além das características já descritas, foi levado em consideração a forma e local de atuação do personagem. Para a sua forma de atuação foram analisadas duas categorias: posição e nomeação do personagem.

Para a categoria posição, há três opções de escolha: personagem principal, principal-coadjuvante e coadjuvante. A definição personagem principal foi selecionada quando o personagem tem papel essencial para o andamento da história, sendo ele o principal. A conotação principal-coadjuvante foi selecionada quando suas ações foram consideradas importantes, mas não essenciais, de forma que ele interaja diretamente com o personagem principal e a opção coadjuvante foi marcada quando o bibliotecário apenas faz parte da história e não apresenta papel de destaque, possuindo a mesma importância que os demais personagens.

Já a categoria profissão nomeada na obra se refere à questão de o profissional ser reconhecido como bibliotecário na obra ou se tal nomenclatura não fica bem clara. Para esta categoria só há a opção sim ou não.

Para o local de atuação do personagem na obra, foram utilizadas quatro subcategorias: biblioteca pública, biblioteca escolar, outro tipo de biblioteca e não identificado.

Em relação às ilustrações do personagem na obra, há as opções sim ou não, em caso positivo, essas imagens foram anexadas juntamente à pesquisa e apresentadas nesta subdivisão.

Todos os dados coletados foram descritos na ficha, analisados, e apresentados em formato de percentuais e gráficos, mesmo que o total de livros analisados não represente a totalidade da população, nem uma quantidade tão significativa dela como indicado para as pesquisas quantitativas. Esta opção visou apenas facilitar a visualização dos resultados obtidos, pois a pesquisa em si se centrou no método qualitativo de resultados.

5.1 ATUAÇÃO DO PERSONAGEM

Como mencionado anteriormente, foram selecionadas categorias para facilitar a análise dos resultados. A forma de atuação do personagem compreende duas categorias de análise: posição e nomeação do personagem. Os dados coletados serão apresentados conforme cada categoria.

A escolha da categoria posição do personagem objetivou identificar o papel do personagem bibliotecário na história, para através disso compreender seu nível de relevância na obra.

A maioria dos personagens observados teve papel de coadjuvante na história, ou seja, interagiram com o principal, porém tiveram curta aparição na história, sendo eles dezesseis, representando 76,19% do total. Nesta categoria estão incluídos os personagens apenas citados nas obras, no qual se identifica pouco de suas características pessoais, como, por exemplo, a bibliotecária da obra **Era Mais Uma Vez Outra Vez**, que media somente a entrega do livro a leitora, e Lina da obra **Judy Moody Adivinha o Futuro** que ajuda a personagem Judy a encontrar o livro que ela busca. Mas também entram aqueles personagens que apesar de possuírem uma aparição curta, consegue-se reconhecer suas ações, como a Sra. Felps da obra **Matilda** e Araci de **Miguel e a Quinta Série**.

A posição principal se refere àqueles personagens cruciais no andamento da história. Somente três personagens apresentaram essa característica, formando 14,29% do total. Esses personagens foram Carrapicho da própria obra **Carrapicho**; Biblió da obra **Uma Graça de Traça** e Alexandria Byblos da poesia **Kimbaló**. Todos

os personagens têm uma característica em comum: viraram bibliotecários quando cresceram.

Como principal-coadjuvante, foram encontrados dois personagens, representando 9,52% do total. Esta subdivisão se refere àqueles personagens que interagem diretamente com o personagem principal da história, e tem papel essencial no desenrolar da história. A personagem Dona Ângela, da obra **Pânico na Biblioteca**; e a “velhinha” da obra **Ana de Salto Alto**, ambas as histórias ocorrem dentro da biblioteca entre a interação do personagem principal e o bibliotecário.

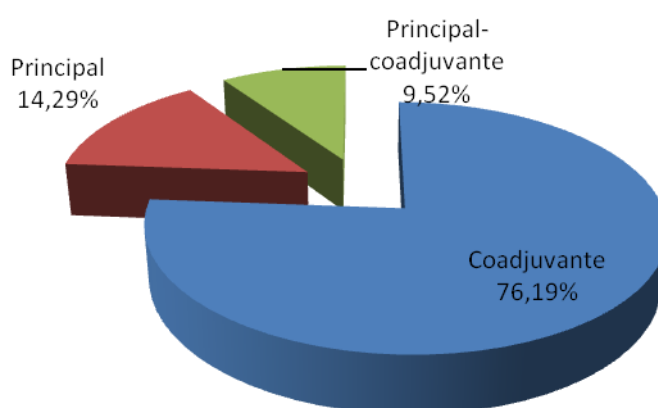


Gráfico 1- Categoria posição do personagem na obra

Fonte: Dados da pesquisa

Por meio dos resultados obtidos da análise desta categoria, foi possível inferir que mesmo que a maioria dos bibliotecários encontrados não teve papel de destaque, todos os personagens encontrados interagem diretamente com o protagonista da história, em curto ou médio intervalo de tempo. De qualquer forma, só o fato dos personagens serem mencionados nas obras, é considerado de grande valia.

Outra categoria analisada nesta subdivisão foi a de profissão nomeada na obra. Compreende os personagens que são realmente mencionados como bibliotecários. Esta categoria foi criada juntamente a análise das obras ao ser percebido que havia personagens que não eram “nomeados”, mesmo que toda a história desse a entender ao contrário.

A maioria dos personagens são reconhecidos como bibliotecários, sendo eles dezoito, representando 85,71% do total e para três personagens não ficou claro esta ideia, porém atuam na linha de frente da biblioteca, com 14,29%.

Estes personagens nos quais a informação não ficou explícita são: a “velhinha” da obra **Ana de Salto Alto**, que atende o personagem na biblioteca pública e somente ela aparece; a Elaine da obra **O Clube da Biblioteca Contra a Bruxa Pestiléia**, que criou o clube da biblioteca para os alunos poderem debater sobre os mais diversos assuntos e está à frente da biblioteca da escola e Dona Carlotinha da obra **Atrás da Porta**, que supostamente seria a bibliotecária da escola, porém ela é falecida, e não aparece especificadamente sua função na biblioteca, mas é compreendido que atuava lá, pois até possui um quadro dela pendurado na parede.

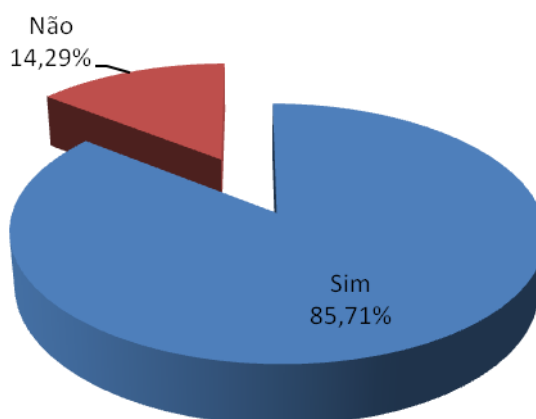


Gráfico 2- Categoria profissão nomeada na obra
Fonte: Dados da pesquisa

De qualquer forma, mesmo que estes personagens realmente não sejam bibliotecários, e atuem por desvio de função, para os usuários eles representam um, pois são responsáveis e estão a frente da biblioteca, agindo e tomando decisões como tal, e isso que permanece na imagem do usuário. Mesmo assim, estes personagens representam a minoria em relação à totalidade das obras, pois a maioria é reconhecido e especificado como tal.

5.2 CARACTERÍSTICAS FÍSICAS

As características físicas dos personagens identificados nas obras foram divididas em categorias: gênero, faixa etária, altura, porte físico, uso de óculos e boa aparência.

Referente à categoria gênero, foi possível constatar que o gênero feminino abrange vinte dos vinte e um personagens encontrados, representando 95,23% do total. Já o gênero masculino, apresentou um personagem, ou seja, 4,77%, sendo ele o personagem Rafael da obra **Encrenca na Biblioteca**.

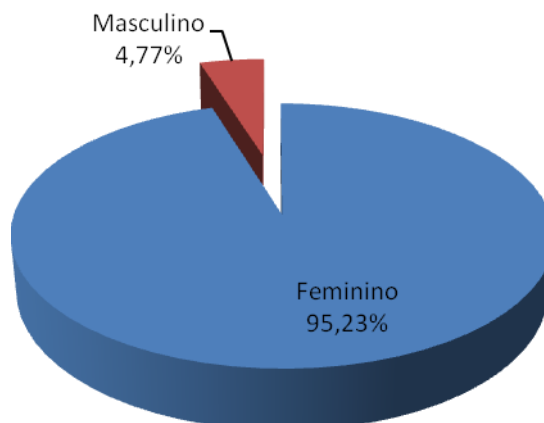


Gráfico 3 – Categoria gênero
Fonte: Dados da Pesquisa

É possível perceber o predomínio dos personagens de gênero feminino em todas as obras encontradas. Muitas são as suposições sobre os motivos que levam a maioria da profissão ser exercida por mulheres, mas não somente em relação à Biblioteconomia, como em outras áreas nas quais há esta menção.

O estereótipo da profissão bibliotecária resulta na associação de outros estereótipos que são relacionados ao gênero feminino em si. Entre esses as afirmações de que:

- Historicamente, as mulheres são associadas a profissões que não são competitivas, não exigem esforço intelectual, cujo exercício demanda comportamentos e atitudes relacionadas àquelas das donas de casa, como, por exemplo, ordem, asseio e servir pessoas, entre outras;
- As mulheres, no Brasil, segundo dados constantemente divulgados pela imprensa, percebem menores remunerações que os homens, nas mesmas posições;
- Das mulheres espera-se, normalmente, comportamentos dóceis e delicados e qualquer atitude mais assertiva é considerada agressividade e pode ser associada ao fato de ser “solteirona” e recalcada, enquanto que aos homens essa maior agressividade é associada a um comportamento positivo e de personalidade forte. (WALTER; BAPTISTA, 2007, p.32).

Essa problemática não está somente associada à área em questão, mais sim ligadas à questão da mulher, que faz parte de uma luta muito antiga e até hoje difícil

de ser totalmente exterminada. Para Walter e Baptista (2007, p. 37) “[. . .] profissões [. . .] consideradas femininas [. . .], como enfermeiras, professoras, psicólogas e outras, passam pelo mesmo crivo e pelas mesmas dificuldades de aceitação social. Um dos desafios destas profissões é explicitar seu valor para a sociedade.”

A categoria faixa etária contempla quatro subcategorias. Dentre os personagens no qual foi possível identificar a idade, a maioria dos personagens é adulta (meia idade), sendo eles seis personagens, representando 28,58%.

Para oito personagens a faixa etária não ficou explícita na história, nem por descrição nem por ilustração, ou seja, 38,09% do total.

Quatro personagens foram especificados como jovens, representando 19,04% do total, como por exemplo, a personagem Lurdinha da obra **Guerra na Biblioteca**, na qual é possível identificar tal característica em função da descrição da aparência da personagem que aparece usando uma “minissaia jeans” (ALBERGARIA, 1995, p. 19) e ao questionarem sobre a profissão, foi chamada de moça: “- Você é a bibliotecária? – alguém mais perguntou, igualmente surpreso. Enquanto a moça confirmava, ouviu-se um assobio de admiração.” (ALBERGARIA, 1995, p. 19). E a personagem Carrapicho da obra **Carrapicho**, que exerce a profissão logo quando ganha idade para prestar vestibular, o que indica o ser jovem ainda.

Os personagens descritos como idosos foram três, num percentual de 14,29%, entre eles “[. . .] uma velhinha [. . .]” (CAPARELLI, 1981, p. 8) do conto Memórias de um Herói Caduco, da obra **Ana de Salto Alto**; a Sra. Felps da obra **Matilda**, na qual é possível identificar esta característica através das vestimentas, cabelo e fisionomia da personagem expresso na obra; e a Sra. Penney da obra **Querido Diário Otário: não é minha culpa se eu sei de tudo**, na qual é bem frisado pela personagem principal a sua “velhice”:

Ainda tinha uma pergunta sem resposta, e somente a sra. Velha Penney poderia responder ela. Fui até a biblioteca e perguntei por que ela tinha me dito pra ler aquele diário em particular.

- Estou aqui há muitos anos, Jamie – disse ela.

- Tipo, logo que a Terra começou a esfriar – sugeri bem baixinho, esperando que os ouvidos dela não conseguissem ouvir. (BENTON, 2011, p.120).

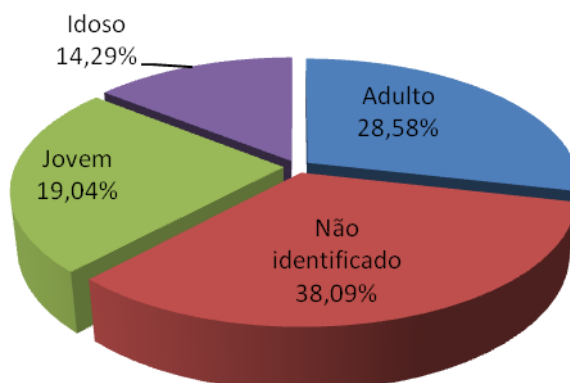


Gráfico 4 – Categoria faixa etária

Fonte: Dados da pesquisa

Em relação à categoria idade, percebeu-se que a maioria dos personagens não houve ilustração ou descrição que esclarecesse esta questão. E nas histórias nas quais foi possível identificar, a maioria foi referida a profissionais adultos de meia idade. Assim como a categoria gênero, em alguns personagens ainda permeia o estereótipo afirmado por Walter e Baptista (2007) da bibliotecária idosa. Porém, a partir dos resultados obtidos, verificou-se que não houve predominância deste perfil nos personagens analisados, pelo contrário, a minoria dos personagens se encaixou nessa categoria, o que demonstra certa alteração deste estereótipo nos livros analisados.

A categoria altura compreende três subdivisões. Apenas um personagem possui esta característica descrita na obra, representando 4,77%, que é a personagem dona Ângela da obra **Pânico na Biblioteca**, onde diz que “Dona Batata olhou para baixo de uma altura enorme. Ela era grandona. Mais alta do que meu pai [. . .]” (COLFER, 2006, p. 29-30).

Todos os outros vinte personagens não é identificada este tipo de característica, representando 95,23% do total.

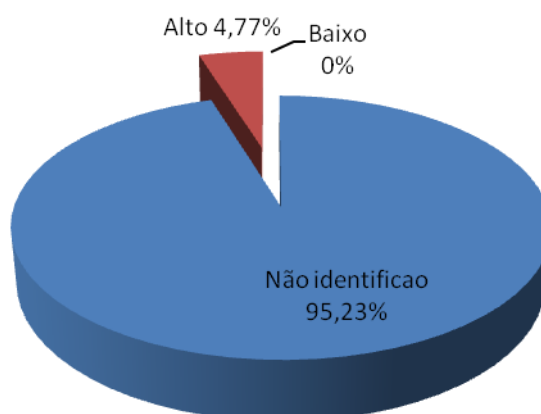


Gráfico 5- Categoria altura

Fonte: Dados da pesquisa

Portanto, é possível perceber que esta categoria pode ser considerada irrelevante na caracterização dos personagens para a maioria dos autores, visto que a maioria não possui descrição da característica.

A categoria porte físico apresenta três subdivisões. Novamente a maioria dos personagens, sendo eles dezenove, com 90,48%, não possuem descrição desta característica. Há apenas um personagem identificado como gordo, com 4,76% da porcentagem total, é a dona Ângela da obra **Pânico na Biblioteca**. No livro diz que: “Ela era grandona. Mais alto do que o meu pai, e mais larga do que a mamãe e minhas duas tias amarradas juntas.” (COLFER, 2006, p. 29-30). A personagem Lurdinha da obra **Guerra na Biblioteca** é a única personagem identificada como magra, representando 4,76% da porcentagem total.

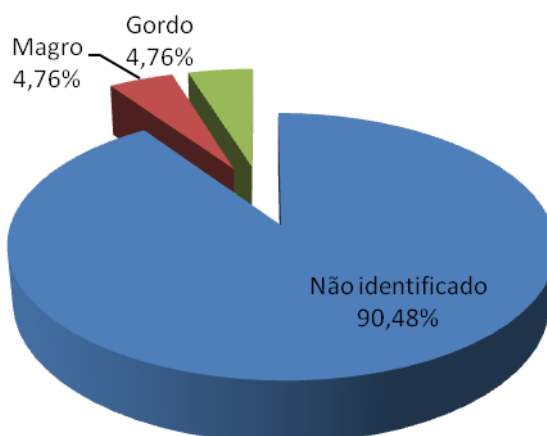


Gráfico 6 – Categoria porte físico

Fonte: Dados da pesquisa

Por intermédio da análise das características retratadas é possível concluir que assim como a categoria altura, a categoria porte físico não é considerada importante na caracterização do personagem em si e na sua imagem para a sociedade, pois ambas as características não possuem detalhamento nas histórias encontradas.

A categoria uso de óculos compreende três subdivisões. Em doze dos vinte e um personagens não foi identificado presença de óculos na narração da obra, e não possuem ilustrações para fazer a verificação, representando 47,61% do total.

Oito personagens foram evidenciados o uso de óculos, ou seja, 38,10% do total, sendo possível perceber através das descrições ou de ilustrações, como por exemplo, a bibliotecária da obra **Beatrice não quer** e da Biblió da obra **Uma Graça de Traça** que possuem ilustração das personagens de óculos.

Apenas um personagem foi evidenciado o não uso de óculos, com porcentagem de 14,29%. Este personagem é a Sandra da obra **Na Biblioteca**, não é mencionado no texto, porém há ilustrações da personagem nas quais é possível constatar esta característica.

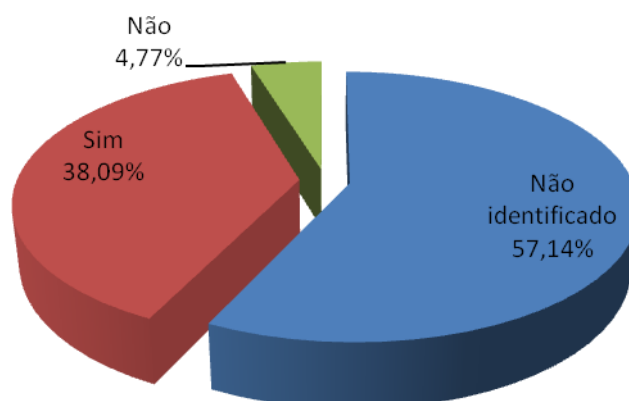


Gráfico 7- Categoria uso de óculos

Fonte: Dados da pesquisa

O uso de óculos para os bibliotecários é um estereótipo ainda bem enraizado na profissão, porém, as maiores dos personagens não possuíram essa descrição na obra, nem em forma escrita ou ilustrada, o que demonstra certa irrelevância para os autores em especificar essa característica. Mas para os personagens nos quais foi possível identificar, houve certa predominância ao comparar com os personagens nos quais não se apresentaram de óculos.

A última categoria analisada referente às características físicas é a boa aparência. Através dos resultados obtidos verificou-se que a maioria dos personagens não apresenta este tipo de descrição, sendo um total de quinze personagens, ou seja, 71,42%.

Três personagens apresentaram descrição de boa aparência, com um total de 14,19%, sendo eles a personagem Lurdinha, de **Guerra na Biblioteca**, com uma grande ênfase em sua aparência responsável por encantar os homens que a veem, é descrita como:

A morena mais linda que ele jamais vira. Os cabelos escuros, uma franja na testa, o batom vermelho ressaltando o sorriso aberto. Uma minissaia *jeans*. E um par de pernas responsáveis por aquele caminhar flutuante, ondulante, deslizante. (ALBERGARIA, 1995, p.19).

A personagem Sandra, da obra **Na Biblioteca** e a Biblió, de **Uma Graça de Traça**, que não possuem detalhamento destas características, mas é possível perceber através das ilustrações das personagens presentes nas histórias.

Da mesma forma, três personagens foram descritos com uma má aparência, com 14,19%, a bibliotecária da obra **Ana de Salto Alto** descrita como “[. . .] uma velhinha de nariz curvo como um anzol querendo fisgar o queixo. Acho que foi desamor à primeira vista, pois nem se aproximou do balcão [. . .]” (CAPARELLI, 1981, p. 8); Dona Etelvina de **Guerra na Biblioteca** que é chamada de maluca e bruxa pelos adolescentes da escola, “- Você fica aí sonhando com o seu príncipe e eu vou ter um pesadelo com a maluca da Etelvina.” (ALBERGARIA, 1995, p. 2). “Do lado de fora já tinham fofocado que Etelvina iria trocar, na festa, seu uniforme de bruxa por uma fantasia de Drácula, com caninos postiços e bem-afiados.” (ALBERGARIA, 1995, p. 6); e a personagem Dona Ângela de **Pânico na Biblioteca**, que além das ilustrações demonstrarem que ela não possui uma aparência tão boa, apresenta alguns trechos da história que reforçam estas características como ao dizer que: “Os braços eram magros como de um robô e os olhos pareciam dois besouros pretos por trás dos óculos.” (COLFER, 2006, p. 30), de sua voz, “- Alguma coisa está errada – disse ela com aquela voz de metal enferrujado.” (COLFER, 2006, p. 77) e até mesmo de suas mãos, “Eu apertei aquela mão ossuda dela.” (COLFER, 2006, p. 92).

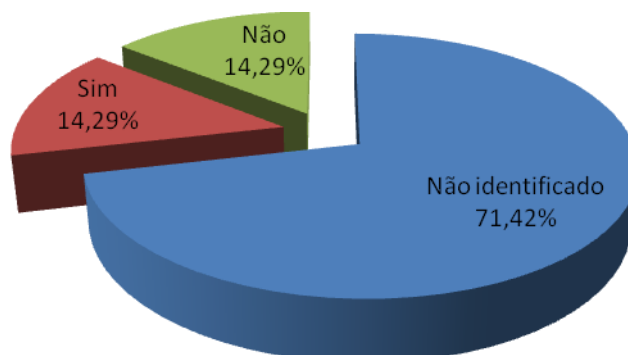


Gráfico 8 – Categoria boa aparência

Fonte: Dados da pesquisa

Esta categoria foi escolhida a fim de verificar se as personagens eram consideradas com má aparência, o que pode contribuir também a uma imagem negativa do profissional, uma vez que os estereótipos voltados à profissão normalmente destacam esta característica.

Percebeu-se que apesar de certas características indicarem uma aparência não tão favorável ao bibliotecário, não foi uma característica que recebeu destaque nas obras analisadas e foi considerada irrelevante na descrição dos personagens.

É interessante destacar que as personagens que foram consideradas antiestéticas, foram às mesmas que tiveram atitudes de rejeição com seus usuários, o que indica uma relação de aparência/atitude na formação da imagem.

5.3 CARACTERÍSTICAS DE PERSONALIDADE

As características de personalidade foram divididas em três categorias: empatia, atenção ao usuário, imagem formada pelo usuário.

A categoria empatia se refere aos protagonistas que demonstram simpatia ao usuário, seja em atendê-lo ou auxiliá-lo. A maioria dos protagonistas foram destacados como simpáticos, representando 71,42% do total, com quinze personagens. Alguns até receberam ênfase de tal característica, como Rafael de **Encrenca na Biblioteca**, classificado como “[. . .] o bibliotecário mais simpático de todos [. . .]” (RIOS; D’AVINO, 2007, p. 14); A Sra. Peach da obra **Diário de uma Garota nada Popular**, que é dito “[. . .] nossa bibliotecária, a sra. Peach, é superlegal.” (RUSSEL, 2012, p.47); e a Lina da obra **Judy Moody Adivinha o**

Futuro, que é elogiada pela protagonista, que a compara até com outros tipos de bibliotecárias, quando diz que “Ela é aquela bibliotecária legal, com aqueles brincos de garfo e faca. Não é aquela outra. Que vive de cara feia.” (MCDONALD, 2005, p. 77).

Três protagonistas demonstraram antipatia com o usuário, com 14,29%, são eles a bibliotecária da obra **Ana de Salto Alto** por repreender o usuário e não auxiliá-lo de forma correta. O autor reforça a ideia em sua fala para o usuário: “– Vê aí no fichário porque estou muito ocupada.” (CAPARELLI, 1981, p. 8); Etelvina de **Guerra na Biblioteca** que proíbe os alunos adolescentes de fazerem trabalho na biblioteca. Essa antipatia é reconhecida e comentada pelos alunos da escola ao dizerem que: “- Dona Etelvina não gosta que a gente faça trabalho em grupo. Diz que a gente conversa, fala alto e polui a atmosfera da biblioteca. Poluição sonora professor...” (ALBERGARIA, 1995, p. 3) e dona Ângela da obra **Pânico na Biblioteca** ao destratar os usuários como se fosse ruim o fato deles visitarem a biblioteca, como é possível perceber com esta passagem:

- Eu disse, o que vocês querem? – repetiu ela, batendo na mesa com um carimbo. [. . .]
- A mamãe disse que temos que nos inscrever na biblioteca – eu disse. Uma frase completa. [. . .]
- Era só o que me faltava – rosnou dona Batata. – Mais dois diabinhos bagunçando minhas estantes. (COLFER, 2006, p.29-30).

Em três personagens não foi possível identificar essa característica, pois não foram explicitadas ações suficientes com os usuários suficientes para distinguir tal particularidade, com percentual de 14,29%, sendo eles: Alexandrya Blyblos de **Kimbaló**, Dona Carlotinha de **Atrás da Porta** e a bibliotecária de **Era uma Vez Outra Vez**.

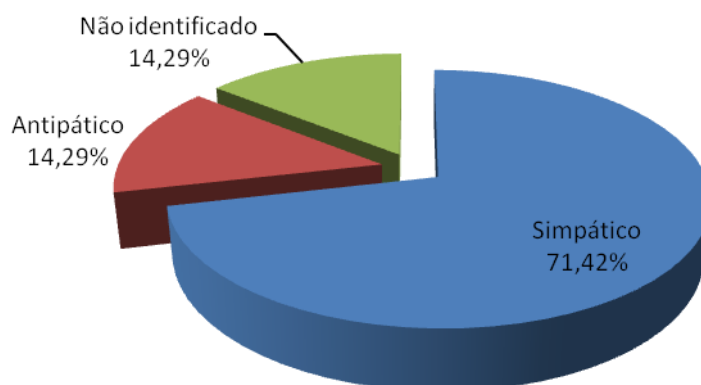


Gráfico 9 – Categoria empatia

Fonte: Dados da pesquisa

Juntamente com as características negativas, se forma a ideia de que o bibliotecário é um profissional normalmente de mau humor. Esta pesquisa revelou o contrário, que a maioria dos profissionais é bem visto pelos usuários, demonstram atitudes adequadas e são descritos como simpáticos, o que é positivo para a imagem da profissão.

A categoria atenção ao usuário contempla os personagens que são prestativos e demonstram interesse ao usuário.

Foram constatados onze personagens que atendem o usuário e satisfazem suas necessidades, representando 52,38% do total, como por exemplo, a Sra. Felps da obra **Matilda**, que atende prontamente a menina e a auxilia na escolha dos livros e a Sandra da obra **Na Biblioteca**, que apresenta com interesse a biblioteca e suas atividades aos personagens Barney e Bety Bop.

Nas ações de nove personagens não foi possível identificar características de empatia, com porcentagem de 42,85%, como a bibliotecária Vicki da obra **Dewey: um gato entre livros**, que apesar de se mostrar amável com o gatinho adotado, não aparece interagindo com nenhum usuário na biblioteca e a Rute da obra **Um Rato na Biblioteca**, que demonstra preocupação com a destruição do acervo da biblioteca, mas não se relaciona com nenhum usuário.

Apenas um personagem foi apontado com características negativas de atuação, não dando atenção ao usuário, com 4,77%. Este personagem foi a bibliotecária da **Ana de Salto Alto** que fala ao usuário para procurar sozinho o material no acervo.

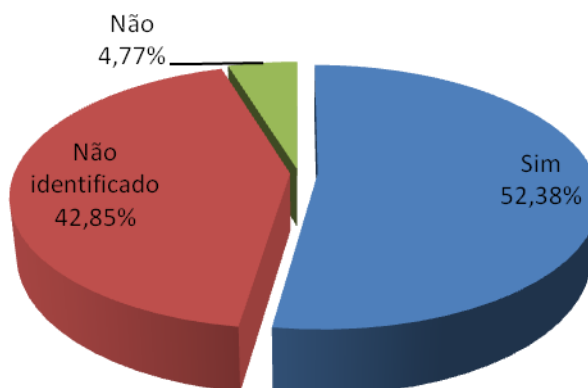


Gráfico 10 – Categoria atenção ao usuário

Fonte: Dados de pesquisa

Através da análise desta categoria foi possível perceber que muitos dos personagens encontrados nas obras, não apresentaram descrição de ações diretamente com os usuários, o que impede a análise desta subdivisão. De qualquer forma, dos personagens nos quais foi possível realizar esta análise, a maioria demonstrou atitudes positivas e prestativas, até mesmo a personagem Dona Ângela, que é uma personagem narrada como antipática, em relação ao usuário, atende suas necessidades.

A categoria imagem do usuário relata quais os personagens que transmitem uma imagem negativa de si mesmo para os usuários, através de atitudes e ações.

Os resultados obtidos foram equilibrados, dez personagens são vistos de forma positiva, representando 47,61% do total. São exemplos, a bibliotecária da obra **Beatrice não quer**, que com suas histórias consegue despertar o gosto pela leitura de Beatrice, que odiava livros até então e Elaine da obra **O Clube da Biblioteca contra a Bruxa Pestilêia**, que cria o grupo de alunos a fim de incentivar discussões saudáveis sobre assuntos diversos, e até mesmo os auxilia no protesto contra a falta de saneamento básico do bairro.

A opção não identificado contemplou oito protagonistas, com 38,10%. Todos os personagens onde esta informação não foi possível de ser identificada, não protagonizam nenhuma ação diretamente com o usuário, como por exemplo, Dona Carlotinha da obra **Atrás da Porta**, como já falecida, não é mencionada nenhuma ação dela com os usuários e a Sra. Penney da obra **Querido Diário Otário: não é minha culpa se eu sei de tudo**, que apesar de interagir com a protagonista, não realiza ações o suficiente para que esta ideia fique clara.

Apenas três personagens transmitem uma imagem negativa, com a porcentagem de 14,29%. É interessante destacar que todos os personagens que passam uma imagem negativa da profissão, são os mesmos que são considerados antipáticos, rabugentos e descritos até mesmo como feios. Como já mencionados anteriormente, são eles: a dona Ângela de **Pânico na Biblioteca**, a bibliotecária da obra **Ana de Salto Alto**, e Etelvina de **Guerra na Biblioteca**.

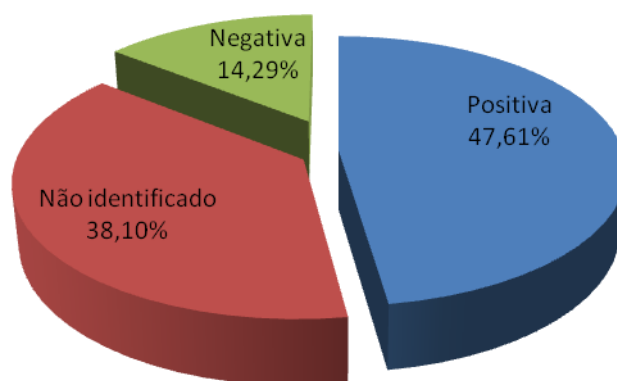


Gráfico 11 – Categoria imagem formada pelo usuário

Fonte: Dados de pesquisa

A imagem que o usuário absorve do profissional bibliotecário influencia também na visão da profissão em si. Essa imagem está ligada às atitudes dos profissionais. “A literatura biblioteconômica tem citado frequentemente a crença de que as atitudes negativas do bibliotecário com relação à profissão constituem um sério problema para a formação de sua imagem profissional.” (OLIVEIRA, 1980, p. 23). Até a própria falta de reconhecimento da Biblioteconomia como profissão, pode originar dessas atitudes profissionais.

Essa relação atitude/imagem foi confirmada através da pesquisa, ao ser constatado que os bibliotecários que destratarem e não atenderam bem seus usuários passaram uma imagem totalmente negativa de si mesmo, e os demais o contrário. Àqueles personagens nos quais não foram descritas atitudes com os usuários ou a opinião do protagonista, não foi possível se identificar esta característica. Ao contrário do esperado, a maioria dos personagens representados nas obras transmitiu uma imagem positiva, o que é benéfico para a profissão em si.

5.4 CARACTERÍSTICAS DE AÇÃO

As ações dos personagens relatados nas obras não foram categorizadas como nos outros tópicos, em função da peculiaridade que cada personagem possui em relação a sua conduta e essas características não podem ser agrupadas. Serão descritos trechos dessas ações para cada um dos vinte e um personagens encontrados em ordem alfabética, como em todo o decorrer da pesquisa.

Na obra **Ana de Salto Alto**, o conto utilizado para análise foi Memórias de um Herói Caduco. Neste conto a personagem não é identificada como bibliotecária, mas ela que realiza o atendimento na biblioteca. Demonstra desinteresse e antipatia em relação ao usuário. Como evidenciado no trecho abaixo:

Há muitos anos, fui àquela Biblioteca, para fazer um trabalho sobre a fundação de Porto Alegre. [. .] Me atendeu uma velhinha [. .]. Acho que foi desamor à primeira vista, pois nem se aproximou do balcão:
 - Vê aí no fichário porque estou muito ocupada.
 Ela disse assim meio pra dentro, como se estivesse falando com sua própria nuca. E afastou-se como veio [. .] ouvi uma voz:
 - Tira a mão do nariz. Onde já se viu vir a uma biblioteca pra tirar meleca e limpar no fichário.
 Levei um susto, pois jurava que ela olhava pro outro lado entretida com a gaveta emperrada. Bem que merecia uma resposta. Ela afastou-se novamente, até sumir num dos corredores, entre as prateleiras.
 Pois bem, fiquei tão nervoso que acabei pedindo os livros mais estranhos. Ela lia meu pedido em voz alta e anotava, abrindo o volume na primeira página, a fim de conferir: Vida do Conde de Porto Alegre, História de Porto Alegre, Triste Portalegre. Quando leu Portalegre, assim junto, resmungou que não entendia como alguém pudesse pedir livro sobre cidade portuguesa...
 - Por quê? – perguntei. Pelo que sei, Porto Alegre é a capital do Rio Grande do Sul.
 - Mas não Portalegre – alfinetou ela -, que é uma cidade portuguesa.
 Não dei trela na discussão porque senti que tinha perdido mais uma vez. Bem baixinho, resmunguei o que tinha a ver com isso, aquela enxada. (CAPARELLI, 1981, p.8-9).

No trecho acima é possível constatar o total descaso da personagem para com o usuário, e que ele mesmo percebe isto ao mencionar que “foi desamor a primeira vista”, pois ela sequer se aproximou e logo que o “atendeu” lhe diz estar ocupada.

Além disto, sugere ao usuário que busque sozinho o que necessita, agindo com ele como se fosse um empecilho para ela na continuação de suas atividades. Em função desta atitude, o usuário acaba por realizando a busca de maneira incorreta, o que é totalmente aceitável, pela falta de ajuda profissional.

Em função das atitudes repressivas e grosseiras da senhora, o usuário demonstra tensão e nervosismo, pois não conseguiu se sentir a vontade no ambiente da biblioteca e esse nervosismo o afetou em sua busca.

O usuário ao realizar a busca sozinho, não consegue encontrar bem o que estava procurando e a personagem ao enxergar o erro do visitante, ao invés de auxiliá-lo de maneira correta em sua pesquisa, vendo que ele cometeu um erro, o critica de maneira debochada. Com isso, identifica-se a imagem totalmente negativa que a personagem, supostamente bibliotecária, passa ao usuário da biblioteca.

Da mesma forma que a obra anterior, na obra **Atrás da Porta**, não fica explícita a ideia de que dona Carlotinha é bibliotecária. Da mesma forma, não são demonstradas ações da personagem na história, pois a história se passa em uma geração diferente, após o falecimento da personagem, com seu neto Carlinhos. Carlinhos descobre uma passagem secreta no quarto da avó, tal trecho descreve o que ele encontra:

Então o coração do menino começou a bater forte, porque ele estava numa sala enorme, toda forrada de estantes de livros e no fundo, pendurado na parede, estava o retrato de sua avó, tão bonita, moça, num lindo vestido comprido, com um livro na mão. (ROCHA, 1997, p.10).

Deslumbrado com o que encontra, Carlinhos conta para seus amigos que passam a frequentar toda a noite o ambiente. Um dia a mãe de Carlinhos os descobre e fala com as crianças:

- Ué! Por que é que vocês não vêm ler de dia?
 Carlinhos respondeu por todos:
 - A gente pode?
 - Claro que pode – Joana respondeu.
 - Para isso são as bibliotecas. Ainda mais as bibliotecas das escolas!
 - Mas aqui não é a biblioteca da escola! – o João falou.
 - É sim – disse Joana – Ninguém sabia desta passagem, mas aqui é a biblioteca da escola. Vocês não conheciam?
 - Nós nunca entramos aqui! – disse a Tuca. – A biblioteca está sempre fechada! (ROCHA, 1997, p.23).

Nesta passagem, se descobre que a biblioteca encontrada no quarto da dona Carlotinha nada mais é que a própria biblioteca da escola e pela fala do personagem, deduz-se que ele e todos seus coleguinhas nunca frequentarem a biblioteca da escola por ela estar sempre fechada, o que pode ser por falta de profissional que atue nela.

A partir desta informação, a mãe do menino fala com a Diretora da escola, e resolvem deixar a biblioteca aberta para que os alunos possam frequentar.

Se Carlotinha era apenas amante de livros, tanto que até escreveu alguns. Se era professora da escola e não bibliotecária, ou alguma outra função, não fica explícito na história, o que é possível entender, é que dona Carlotinha tinha uma passagem em seu quarto que dava para a biblioteca da escola e na parede estava exposto um quadro dela quando jovem, o que se entende é que o quadro não teria o porquê estar lá se Carlotinha não tivesse importância na biblioteca. As crianças mencionam o quanto ela era criativa e vivia contando histórias para seus netos.

A obra **Beatrice não quer** é interessante e diferente das demais pelo motivo dos personagens da história serem cachorros e não humanos, o que é normal nas histórias infantis, nas quais os animais ganham vida e as histórias exploram o lúdico.

Na história a protagonista Beatrice não gosta de livros e biblioteca, mas se torna obrigada a ir a uma com seu irmão que precisa fazer um trabalho. Beatrice totalmente contrariada atrapalha seu irmão em seu estudo por estar se sentindo entediada. Ele acaba levando-a sem saber para assistir a hora do conto.

As ações da bibliotecária se resumem na contação de histórias para as crianças na biblioteca que são evidenciadas neste trecho: “- O rato Albert vivia numa casa novinha em folha – a bibliotecária começou a ler. Ela segura o livro no alto para que todos pudessem ver as ilustrações.” (NUMEROFF, 2011, p. 23). Este trecho, mesmo que pequeno, demonstra a preocupação da bibliotecária com as crianças que estavam ouvindo a história, no momento em que ela ergue o livro para que consigam ver as imagens. Beatrice inicialmente contrariada acaba por se interessar pela história, conforme citado neste trecho:

Beatrice [. . .] ouviu a história inteira.
Quando a história acabou, Beatrice foi até a bibliotecária.
- Posso dar uma olhada nesse livro, por favor? – pediu ela.
- É claro – respondeu a bibliotecária. (NUMEROFF, 2011, p.26-27).

Com os trechos mencionados, mesmo que breves, é notável a dedicação da bibliotecária ao contar a história para as crianças e a atenção que ela dá a Beatrice quando a protagonista vai até ela pedir o livro que ela leu emprestado. Esta narrativa passa uma ideia boa de que através das ações da bibliotecária, a protagonista modifica a visão anteriormente desagradável da biblioteca e dos livros, e passa a se interessar por eles.

Na obra **Carrapicho** a bibliotecária é a própria protagonista da história, porém ela se torna bibliotecária depois que cresce. Poucas são as ações explícitas de Carrapicho depois de bibliotecária, pois isso só ocorre ao final da história. Durante toda a narrativa a personagem demonstra cenas de bravura, coragem e inteligência, ao tentar resgatar seus pais e habitantes da Vila de Ventania que sumiram com os vendavais.

Na história é explicado que Carrapicho se torna bibliotecária por amar os livros. É normal tal característica ser atribuída aos profissionais da área, para Rocha (2011, p. 166) “O estudante de Biblioteconomia também carrega o estereótipo de que *gosta de livros* e conseqüentemente de *lê-los*, de ser um *leitor assíduo e eclético*.” Essa aptidão é significativa para o fomento a leitura, e pode ser considerada uma condição relevante para a escolha da profissão, como se percebe nessa história, porém essa característica também faz parte do conjunto de estereótipos que ainda rondam a profissão.

O único trecho no qual é possível perceber as ações de Carrapicho como bibliotecária é o seguinte:

Carrapicho e seus filhos ensinavam as crianças a amarem os livros, a escreverem suas próprias histórias e a anotarem a fantástica vida que levavam numa vila livre como Ventania. Alguns anos mais tarde, entrou para um grupo de historiadores e passou a escrever a história de seu povo e outras histórias bonitas para crianças.

Depois que Carrapicho morreu, seus tataranetos pediram que a vila tivesse o nome da tataravó. Como o povo conhecia bem a sua história, concordou de pronto com a mudança. [. . .] Eram agora “**Carrapicho**”. (LUEDEMANN, 2009, p.63-64, grifo do autor).

Apesar de breve, com a descrição acima se observa que Carrapicho se dedicava a sua profissão, incentivava as crianças a gostarem de ler e se mantinha estudando e se profissionalizando, tanto que depois de alguns anos além de bibliotecária também virou historiadora. Esta história aborda uma questão muito interessante de ser comentada que é da profissionalização ao término da graduação, Cunha (1984, p. 149-150) fala que “o bibliotecário precisa reconhecer a necessidade e as vantagens da educação continuada para si próprio, para a instituição provedora de informação e, principalmente, para a comunidade a que atende”. Para o bibliotecário que convive diariamente com a informação, é necessário uma atualização rápida e contínua em seus processos de trabalho, para acompanhar o ritmo das mudanças tecnológicas freqüentes da área. Targino (2000,

p. 67) afirma que “[. . .] a atualização é o elemento-chave para a sobrevivência do profissional da profissão”. O investimento na educação continuada proporciona aumento do conhecimento e no domínio de práticas pra lidar com os novos obstáculos.

A imagem da protagonista é tão positiva, desde antes de se profissionalizar até o final, que após seu falecimento, os habitantes da vila resolvem nomear a cidade com o nome dela.

Na obra **Dewey: o gato da biblioteca** há uma passagem curta da ação da personagem Vicki, a bibliotecária. Atuante da Biblioteca Pública da cidade de Spencer, nos Estados Unidos, em uma manhã encontra um gatinho abandonado em frente à biblioteca, com pena do animalzinho resolve ficar com ele e o deixa na biblioteca, como pode se identificar na passagem a seguir:

Quando a bibliotecária Vicki encontrou o gatinho pela manhã, ele estava com frio, assustado e muito, muito sujo. Vicki decidiu então lhe dar um banho quente. O gatinho, que estava marrom de sujeira e choroso quando entrou na bacia, saiu de lá cor de laranja e ronronando.

- Vou ficar com você – decidiu Vicki, já apaixonada por ele.

- Seu nome será Dewey Laia Mais Livros. Pode morar aqui e ser o gato da biblioteca. (MYRON; WITTER, 2011, p.6).

Apesar de não haver ações da personagem na história com os usuários da biblioteca, nesta passagem é possível perceber o lado emocional da personagem, que é amorosa e acolhedora com o gatinho abandonado. É interessante reparar no nome que Vicki coloca no gatinho, um nome que somente uma bibliotecária poderia pensar.

Da mesma forma, na obra **Diário de uma Garota Nada Popular**, a bibliotecária Peach é citada brevemente, porém de maneira positiva pela protagonista da história que diz que: “ E nossa bibliotecária, sra. Peach, é superlegal. Às sextas-feiras, ela faz biscoitos com recheio duplo de chocolate e nozes para a gente. Delícia!” (RUSSEL, 2012, p. 47). Na história, a personagem principal Nickki, conta que ela e suas duas amigas Chloe e Zoey trabalham como assistentes da biblioteca no quinto período de aula e “amam”, como elas mesmas mencionam. Nickki até comenta que “Alguns alunos acham que a biblioteca é um lugar chato e quieto, frequentado apenas por nerds e excluídos, mas a gente sempre se diverte MUITO por ali!” (RUSSEL, 2012, p. 43).

Apesar de não haver nenhuma ação explícita da bibliotecária com seus usuários, através da descrição da protagonista, entende-se que as meninas gostam muito da Sra. Peach e do ambiente biblioteca, ao dizer que a bibliotecária é gentil com as meninas, que até faz biscoito para elas nas sextas-feiras, o que pode ser por gratidão da ajuda que elas prestam ao local.

Na obra **Encrena na Biblioteca**, também não há ações diretas do bibliotecário Rafel com os usuários da biblioteca, porém ele é mencionado como “[. . .] o bibliotecário mais simpático de todos, que sempre dava dicas de bons livros e também participava do Fórum de Literatura.” (RIOS; D’AVINO, 2007, p. 14). O que indica que os usuários possuem uma imagem positiva do profissional, por ele tratá-los bem, ser atencioso ao dar dicas de livros aos usuários.

Esta obra conta a história de um roubo de um objeto indígena que acontece na biblioteca durante uma exposição. Durante todo o decorrer da história o bibliotecário juntamente com a ajuda dos usuários tenta desvendar o mistério de quem teria feito esta barbárie.

Rafel descobre que quem roubou a peça foi a estagiária da biblioteca que se dizia ser estudante de biblioteconomia e a forma que ele desconfia que seja ela é cômica. Rafel acha em um arquivo a carta de apresentação da menina que diz “[. . .] Aluna Paulete Pessegueiro, do curso de Biblioteconomia.” (RIOS; D’AVINO, 2007, p. 84). E através do acento errado no nome do curso ele desconfia que não tenha sido o diretor da faculdade que tenha escrito e que algo está errado.

Mesmo que não haja ações de Rafel diretamente com os usuários, suas ações no decorrer da história são todas positivas. O bibliotecário mantém o controle e organização na biblioteca depois do assalto, toma providência, chama a polícia e ao mesmo tempo tenta investigar o que está ao seu alcance sempre se preocupando com o bem estar das pessoas que estão lá dentro.

Na obra **Era uma Vez outra Vez** a bibliotecária não tem nome, e sua aparição na obra é de curta duração. A personagem é mencionada no início da história quando a leitora escolhe um livro velho de conto de fadas na biblioteca:

- Quer este livro? – perguntou uma voz conhecida.
- Quero, sim! – respondeu a menina. – Achei a capa bonita! [. . .]
- Mas ele está tão velho! – exclamou a bibliotecária. – Há anos ninguém o lê. Tem certeza? Quer mesmo tomá-lo emprestado?
- Ora, o que essa mulher está dizendo? Pela primeira vez, em muitos anos, alguém quer ler a nossa história. E ela desencorajando a leitora! [. . .]

- Eu tenho certeza! Vou levar este mesmo – ela respondeu.
Com um suspiro, a bibliotecária abriu o livro pela contracapa. Tirou uma ficha, anotou o nome da menina e a data. Então nos entregou na mão dela. (LEWICKI, 2007, p.5-7).

A passagem em que a personagem é mencionada é um pouco confusa em relação à interpretação, pois somente pela fala da bibliotecária em comentar para a leitora que o livro está velho, que há anos ninguém o lê e até mesmo pelo suspiro dado por ela no momento de entregar o livro à leitora, não significa que ela esteja fazendo por mal, talvez possa ser somente pelo preconceito do livro estar velho e que pode haver outros mais bonitos que aquele

Por um lado, conforme mencionado pelo narrador-personagem da história, esta atitude influencia a desencorajar a menina, e é imediatamente criticada pelo personagem que se manifesta, porém mesmo assim, a leitora escolhe aquele livro indicando que não se importa com a opinião da bibliotecária.

Torna-se claro através do trecho a tentativa de orientação da bibliotecária no momento da escolha do livro pela leitora, e consecutivamente a falha, pois mesmo assim ela decide optar por aquele livro.

Na obra **Guerra na Biblioteca** há duas personagens bibliotecárias, e uma é vista como o oposto da outra. A primeira mencionada é dona Etelvina, bibliotecária da escola dos protagonistas.

Os alunos são obrigados a irem à biblioteca realizarem um trabalho da escola dado pelo professor Agripa, desde já demonstram desgosto e mencionam que Etelvina não gosta da presença dos adolescentes, pois eles perturbam o ambiente da biblioteca. Conforme as ações que vão ocorrendo ao decorrer da história. Etelvina se mostra uma bibliotecária mal humorada, e age como se fosse dona do ambiente que trabalha querendo permitir e proibir quem ela tem vontade dentro da biblioteca.

E o zumzumzum foi crescendo de tal modo que a bibliotecária perdeu a paciência, a concentração e os próprios morcegos, que voaram longe quando ela soltou uma das mãos para disparar a campainha.

- Silêncio! Silêncio! Silêncio! – a bibliotecária ia berrando, cada vez mais descontrolada.

E só os seus urros se escutavam, porque a turminha logo abaixou a cabeça e colocou os olhos em cima dos livros. (ALBERGARIA, 1995, p.9).

Etelvina tem tanta posse pela biblioteca, que proíbe os adolescentes de realizarem seus trabalhos lá, por eles fazerem barulho. Demonstra total falta de jeito,

pois ao invés de conversar com eles sobre o barulho, se de repente isto está atrapalhando outros usuários, resolve expulsá-los. Esta ação é confirmada através deste trecho:

Agripa tentou outro acordo com Dona Etelvina, mas dessa vez não adiantou. A turma foi proibida de usar a biblioteca por um bom tempo.
- Desse jeito a Etelvina acaba transformando aquela sala num cenário de horror de verdade – era o comentário magoado de alguns alunos. (ALBERGARIA, 1995, p.12).

O professor de história até tenta convencer a bibliotecária a permitir que os alunos continuem realizando seus trabalhos na biblioteca, mas ela não permite.

Depois de serem expulsos, o professor leva os alunos a biblioteca pública para que eles possam concluir seus trabalhos. Neste local, eles se deparam com uma bibliotecária totalmente diferente da que eles estavam acostumados a conviver na escola. Uma moça jovem, bonita, alegre e gentil. Este trecho mostra o momento que os alunos encontram com Lurdinha, a bibliotecária da biblioteca pública:

- Em que posso ajudar vocês?
- Você é a bibliotecária? – alguém mais perguntou, igualmente surpreso. Enquanto a moça confirmava, ouviu-se um assobio de admiração. Agripa se apresentou e aos seus alunos, explicando a razão da visita.
- Muito bem. Meu nome é Lurdinha. Fiquem à vontade. Vou mostrar a vocês como se consultam nossos fichários. Ainda estamos implantando o sistema de computador. Por enquanto, vocês terão de ir aos arquivos. Mas são fáceis de usar. Vocês podem procurar pelo assunto. Guerra dos emboabas, não é? Vamos à letra G... (ALBERGARIA, 1995, p.19).

Com este trecho, se percebe a diferença das duas profissionais, Lurdinha se mostra simpática e prestativa com os adolescentes, deixando-os a vontade na biblioteca e não os repreendendo, da mesma forma que se mostra interessada em ajudá-los na busca. Os adolescentes ficam surpresos pela diferença das bibliotecárias, e isto fica explícito na história:

- Como é que você agüenta trabalhar aqui? – a menina continuava perguntando.
- Aqui é um lugar público. Todos têm o direito de freqüentar uma biblioteca. A maioria gosta de ler. Mas há pessoas solitárias, como dona Judite e o Goiaba, que simplesmente adotaram o lugar. Eu mesma me divirto com este ambiente.
- Quer dizer que você não proíbe ninguém de entrar aqui?
- Não, a menos que a pessoa perturbe os outros leitores, mas isso é muito raro.
- Bem que você podia trocar de trabalho com a dona Etelvina. (ALBERGARIA, 1995, p.24-25).

É interessante observar que nesta obra há dois extremos da profissão, de um lado uma bibliotecária rabugenta, rude, velha e feia, e por outro lado a bibliotecária jovem, bonita, alegre e prestativa.

A obra **Judy Moody Adivinha o Futuro** faz parte de uma série de livros publicados com a mesma personagem, nesta história, o trecho que a bibliotecária aparece também é pequeno, como outros mencionados anteriormente:

Judy foi procurar a bibliotecária.
 - O que você pegou? – perguntou Frank quando ela voltou.
 - Adivinhe qualquer coisa! – disse ela. – É sobre pessoas que adivinham o futuro. Foi a Lina que me ajudou a encontrar. (MCDONALD, 2005, p.77).

Na história, a protagonista Judy esta com seu colega na biblioteca, procurando livros para eles realizarem uma tarefa dada pelo professor, ao necessitar de um livro de seu interesse, diferente do procurado para a tarefa da escola. Judy procura a Lina, a bibliotecária para suprir a sua necessidade.

Apesar de o trecho ser pequeno, a atitude da personagem em procurar a bibliotecária para ajudá-la a achar um livro de seu gosto, indica que a protagonista sabe que quando precisa de ajuda na biblioteca, Lina pode e irá auxiliá-la.

Na obra **Kimbaló**, a poesia utilizada para análise foi a intitulada como “Alexandria Byblos”. É uma poesia pequena que fala de uma menina que cresceu e virou bibliotecária. Não há nenhuma descrição de ação da personagem com nenhum usuário, pois não aparece na história sua atuação como bibliotecária. Como é possível verificar com o trecho abaixo:

Assim, ela cresceu,
 lendo bastante, sem canseira.
 Na faculdade aprendeu,
 é bibliotecária de primeira.
 Como herança, recebeu
 um papiro e instrução.
 Esperta, ela atendeu
 e seguiu com atenção
 Encontrou um tal diário
 de sua tataravó.
 Nele estava a senha,
 Que ela vai dizer pra nós.
 Alex,
 Qual é a senha? [. . .]
 A senha é leitura e mais leitura,
 Ponto com, ponto br. (FERNANDES; BACICHETTE, 2008, p.16).

A única frase que demonstra sua ação é que ela “é bibliotecária de primeira”, com esta frase fica a ideia que Alexandria é uma boa profissional. Nesta poesia há uma mensagem que fica subentendida, ao perguntar para a menina “qual é a senha?”, e ela responde que é leitura, muita leitura. Não dá para certificar sobre qual assunto a menina é questionada, pode-se entender que seja sobre a inteligência, o conhecimento.

Na obra **Matilda** a bibliotecária aparece significativamente no início da história. Matilda, a protagonista é uma menina prodígio, que aprende a ler com três anos de idade e ama livros. Um dia depois de ler todos os livros que tinha em casa resolve ir a biblioteca pública para ler novos livros, lá ela conhece a bibliotecária Sra. Felps:

[. . .] Matilda saiu sozinha e foi até a biblioteca pública da pequena cidade onde morava. Ao chegar, foi falar com a bibliotecária, a sra. Felps. Perguntou se podia sentar-se um pouco para ler um livro. A sra. Felps, apesar de ficar meio surpresa em ver chegar uma menina tão pequena sem a companhia dos pais, disse-lhe que ficasse à vontade.
 - Por favor, onde estão os livros infantis? – Matilda Perguntou.
 - Estão ali, naquelas estantes mais baixas – sra. Felps a orientou. – Quer que eu ajude você a encontrar um bem bonito com muitas figuras?
 - Não, obrigada – Matilda disse. – Acho que consigo me arranjar sozinha. (DAHL, 1999, p.6-8).

Apesar de se impressionar com o fato de ver uma menina tão pequena lendo tantos livros na biblioteca, Sra. Felps se revela sempre solícita e gentil com a menina. Pode se perceber estas atitudes através deste outro trecho, onde a bibliotecária ao ver a usuária indecisa em relação aos livros vai até ela a perguntar se está precisando de ajuda:

- Posso ajudá-la Matilda?
 - Estou pensando no que posso ler agora – Matilda disse. – Terminei todos os livros infantis. [. . .]
 - Que tipo de livro você gostaria de ler agora? – ela perguntou.
 - Queria um livro bom de verdade, daqueles que os adultos lêem. Um livro famoso. Não sei de nenhum título.
 A sra.Felps foi percorrendo lentamente as prateleiras. [. . .]
 -Tente este – disse ela, finalmente. – é muito famoso e muito bom. (DAHL, 1999, p.8-9).

Além de sugerir um livro para a menina, Sra. Felps a informa que ela pode além de ler os livros na própria biblioteca, levá-los para casa, o que deixa Matilda contente, pois ela não sabia que podia:

- Você sabia que bibliotecas públicas como esta emprestam os livros para as pessoas lerem em casa? – disse a sra. Felps.
- Eu não sabia. Será que eu poderia fazer isso? – perguntou a menina.
- Claro – a sra. Felps garantiu. – Depois que você escolher o livro que deseja, traga-o para mim. Vou preencher uma ficha e você pode ficar com ele por duas semanas. Se quiser, pode levar mais de um. (DAHL, 1999, p.13).

Depois de Matilda descobrir que pode levar os livros emprestados para casa passa a frequentar a biblioteca somente uma vez na semana, para devolver os livros que já leu e retirar novos livros. Durante a atuação da Sra. Felps só se absorvem atitudes positivas da personagem com a protagonista, que sempre se interessa e se mostra prestativa em ajudar a menina a encontrar os livros que deseja.

Na obra **Miguel e a quinta série** a bibliotecária Araci é citada de maneira breve, porém com a descrição de suas ações, mesmo que breve, é possível identificar que ela é atenciosa e interessada aos usuários. O personagem Miguel junto com seus colegas a conhece ao irem a biblioteca fazer um trabalho de aula, como mostra o trecho a seguir:

Na biblioteca, eu, o Leonardo e a Tatiana fomos pesquisar sobre os índios do começo do Brasil, tupiniquins e tupinambás. A bibliotecária se chama Araci e tem nome de índia. Além dos livros que separou para a gente, deixou que usássemos o computador para acharmos algumas imagens. [. . .] A Araci veio conversar conosco, disse que comer carne humana, o canibalismo, era um ritual. Os indígenas mesmos não se importavam tanto se os inimigos os matassem e os devorassem. [. . .] (ALBERGARIA, 2003, p.16).

A personagem Araci se demonstra prestativa e interessada na pesquisa do grupo, tanto que por conhecer o assunto que os meninos buscam, ajuda-os passando algumas informações de conhecimento pessoal para complementar a pesquisa. Deixa-os a vontade na biblioteca, para pesquisarem no computador se acharem necessário, o que é importante, auxiliar o usuário quando ele precisar, e deixá-lo à vontade no ambiente da biblioteca.

A personagem da obra **Monstros e Medos** não tem nome, é identificada apenas como bibliotecária, e aparece em somente um momento da história e de maneira breve. Porém neste trecho é possível evidenciar suas ações:

- Vocês sabiam que o livro é um objeto mágico? - disse a bibliotecária, entregando um livro a cada criança que escolhera um título para levar para casa.
- Mágico, é? Como assim? - perguntou o Dudi.

- Mágico, de que jeito? - ecoou a Luli, sua irmã gêmea.
 - Mágico, sim! Mágico, porque é maior por dentro do que por fora; é um objeto pequeno, leve, que você pode carregar e levar de um lado para outro; e no entanto, dentro dele, entre as duas capas, cabe um mundão de coisas, de todos os feitios e tamanhos: casas, castelos, navios, aviões, e até dinossauros, tão grandes!
 - É mesmo - concordou o Dudi -, cabem até monstros!
 - E coisas de meter medo! - acrescentou a Luli.
 - E tem mais - disse a bibliotecária. - O livro é mais mágico ainda porque ele, o mesmo livro, é tantos livros quantos os seus leitores!
 - Como assim? - espantaram-se os irmãozinhos.
 - Simples! É que cada cabecinha é bem diferente da outra, mesmo de irmãos gêmeos. E cada uma entende a história do seu jeito particular!
- As crianças pegaram os livros escolhidos e saíram da biblioteca, dispostas a ler cada um do seu jeito. (BELINKY, 2006, p.8-9).

A bibliotecária apresenta o livro para os personagens de maneira lúdica, como sendo um objeto mágico. Através da sua pequena participação na história identifica-se o papel fundamental da personagem no incentivo e estímulo a leitura, a partir do momento que causa curiosidade e estimula a imaginação das crianças ao apresentá-las o livro, que ficam eufóricas e levam-o para ler em casa.

A obra **Na biblioteca** é bem interessante, pois a história toda se passa dentro da biblioteca com os protagonistas e a bibliotecária. Durante toda a história a bibliotecária Sandra apresenta a biblioteca para os personagens. Barney apresenta a bibliotecária para sua amiga Bety Bop logo que eles chegam à biblioteca:

- Essa é a dona Sandra, a bibliotecária – diz Barney. – Ela é quem ajuda as pessoas e os dinossauros na biblioteca!
 - Seja bem-vinda Bety Bop! – diz dona Sandra, contente. – A biblioteca é um lugar muito especial para meninos e meninas.
- Temos vários livros maravilhosos que vocês podem olhar e levar para casa para ler! (BERNTHAL, 2005, p.6-7).

Desde o início Sandra já é classificada como “quem ajuda as pessoas e os dinossauros da biblioteca”, o que passa uma imagem positiva. Além disto, ela se demonstra alegre com a nova visita e apresenta a biblioteca como um local especial. Demonstra-se disposta a apresentar o ambiente aos usuários:

- Dona Sandra mostra para Bety Bop que há muitas coisas para fazer em uma biblioteca.
- Às vezes as crianças se divertem fazendo desenhos – diz a bibliotecária.
- Se quiserem, vocês podem assistir a um teatro de fantoches – explica dona Sandra. (BERNTHAL, 2005, p.14-15).

Dona Sandra explica o funcionamento da biblioteca, desde o empréstimo até as atividades paralelas oferecidas, como o teatro de fantoches e desenhos, e deixa os usuários à vontade. A imagem passada da profissional durante toda a história é positiva.

Na obra, **O Clube da Biblioteca contra a Bruxa Pestiléia**, não fica explícito que a personagem Elaine é bibliotecária, porém é ela que toma conta da biblioteca da escola. Na história Elaine não realiza nenhuma ação diretamente da biblioteca com os usuários, porém com as ações descritas na história é possível perceber sua personalidade.

Foi Elaine quem criou o Clube da Biblioteca, que é formado por um grupo de alunos a fim de discutir sobre assuntos diversos. O assunto que entra em pauta na história é a falta de saneamento básico do bairro. Os alunos revoltados com a situação resolvem organizar um protesto, apoiados pela Elaine:

Tia Elaine, como as crianças a chamavam, aplaudiu a idéia com entusiasmo.

- Vamos fazer um movimento – sugeriu, batendo levemente com o dedo indicador na cabeça.

- Oba! Uma passeata como a da greve dos professores? – perguntou Aninha, vibrando com a sugestão, imaginando aventuras e emoções.

- Mais ou menos, mais ou menos – respondeu Tia Elaine. [. . .]

- Pode ser algo muito amplo e envolvente, com a participação dos pais, das associações de bairro das entidades ecológicas, todo o mundo que queira aderir. E o primeiro passo é a elaboração de um projeto. Acredito que vocês já tenham notado que isso vai dar uma trabalhadeira enorme, não é?

As crianças não recuaram diante da advertência de Tia Elaine. Pelo contrário, mostraram-se mais dispostas do que antes. (JARDIM, 1991, p.8-9).

Elaine se demonstra interessada em apoiar as crianças no protesto, incentiva-os e durante toda a história os auxilia na atividade. Como mencionado, em nenhum momento fica claro que Elaine é formada em biblioteconomia, de qualquer forma, ela é responsável pela biblioteca da escola. Pode ser uma professora, diretora ou qualquer outra funcionária da escola. Mesmo assim por estar a frente da biblioteca, é a imagem dela que está em evidência, que por sinal é bem positiva pelos alunos que gostam muito dela, até a chamando intimamente de “tia”.

A história da obra **Pânico na Biblioteca** também se passa dentro do ambiente da biblioteca. É interessante observar o ponto de vista dos usuários sobre a bibliotecária dona Ângela.

Os irmãos Marquinhos e Duda são obrigados pela mãe a passarem suas férias na biblioteca, para fazerem algo de útil. O que para eles é aterrorizante, pois sempre ouviram falar de todas as crianças do bairro que a bibliotecária não gosta de crianças e até as machucam quando a contrariam.

No primeiro dia, chegam à biblioteca receosos e com medo da bibliotecária. Esta ação é descrita neste trecho:

— O que vocês querem? — disse uma voz vinda do outro lado da biblioteca.
 Meu coração se acelerou ao som daquela voz. Era como dois pedaços de metal enferrujado sendo esfregados um no outro. [. . .] Era dona Batata, sem dúvida nenhuma.
 — Eu disse, o que vocês querem? — repetiu ela, batendo na mesa com um carimbo.
 Fomos até a mesa dela agarrados um no outro como dois macacos assustados. Havia uma caixa cheia de carimbos na mesa, e mais dois pendurados em seu cinto como revólveres.
 Dona Batata olhou para baixo de uma altura enorme. [. . .]
 — A mamãe disse que temos que nos inscrever na biblioteca — eu disse. Uma frase completa. Nada mau, nestas circunstâncias.
 — Era só o que me faltava — rosnou dona Batata. — Mais dois diabinhos bagunçando minhas estantes. — Ela pegou uma caneta e dois cartões na gaveta.
 — Nome?
 — D-d-dona Ângela — gaguejei. Dona Batata suspirou.
 — O meu nome não, palerma. O nome de vocês.
 — Eduardo e Marcos Medeiros! — gritei, como um cadete do exército. [. . .]
 A bibliotecária preencheu os cartões, carimbando-os depois com o timbre da biblioteca.
 — Cartões rosa — disse ela, entregando-os a nós. — Rosa significa infantil. Rosa significa que vocês ficam na seção infantil da biblioteca.
 Marquinhos percebeu que os banheiros ficavam na seção dos adultos.
 — E se a gente tiver que... ir.
 Dona Batata atirou o carimbo de volta na caixa, batendo a tampa.
 — Pense nisso antes — disse ela. — Vá antes de chegar aqui.
 Dona Batata nos levou por longos corredores de tábua corrida para a seção infantil. [. . .]
 — Esta [. . .] é a seção das crianças.
 A seção era na verdade uma única estante com quatro filas de livros. No chão, diante dela, havia um pequeno pedaço de tapete puído.
 — Só tirem os pés do tapete para ir embora — alertou ela. — Qualquer idéia infantil que entre na cabeça de vocês, ignorem. Fiquem no tapete, ou haverá encrenca. — Ela se curvou até quase se dobrar, fazendo com que os seus olhos de besouro ficassem no mesmo nível dos meus. — Está claro?
 Concordei com a cabeça. Estava claro. Sem dúvida nenhuma. (COLFER, 2006, p.27-32).

Percebe-se através do trecho que os meninos chamam dona Ângela de dona Batata, pois foi espalhado um boato entre as crianças que a bibliotecária teria um lançador de batatas a gás, que tocaria no usuário quando ele a incomodasse. É

notável o pavor dos meninos ao falar com ela, ficam nervosos, gaguejam e isto ocorre além de ser pelos boatos que eles já ouviram, pela forma que a bibliotecária fala com os meninos, impondo autoridade e soberba.

A bibliotecária ao se deparar com os novos usuários não fica nem um pouco contente, pois diz que eles vão “bagunçar as suas estantes”. Logo já estabelece limites aos irmãos, que devem permanecer no tapete da seção infantil. Ela mesma faz questão de impor medo aos meninos, para que assim, eles não a desobedeçam e façam bagunça na biblioteca.

Os meninos até tentam sair do tapete, mas são imediatamente repreendidos por dona Ângela, que os coloca de volta lá. Mesmo que a própria bibliotecária colabore em tudo para que os meninos odeiem ficar naquele lugar, como acontece nos primeiros dias, depois de algum tempo, de tanto serem obrigados a permanecerem naquele lugar eles passam a realmente ler os livros, e gostam.

Os meninos tomam gosto pela leitura, leem todos os livros da seção infantil e agora são obrigados a infringir novamente as regras da bibliotecária para encontrar um livro diferente para que possam ler. Como esperado dona Ângela percebe que algo está errado e vai até os irmãos para ver o que é, descobre que eles infringiram as regras, retiraram um livro de outra seção e questiona Duda:

Dona Batata sacudiu a cabeça, perplexa.

— Por que você fez isso? Não tem medo de mim? Todas as outras crianças têm.

Naquele momento, tomei a melhor decisão da tarde. Contei a verdade, ou mais ou menos a verdade.

— Eu queria um livro — eu disse numa voz tremida. — Já li todos os outros, a maioria deles duas vezes. Eu tinha que pegar um livro.

— Embora soubesse que eu podia te pegar?

Meu lábio inferior tremia feito uma gelatina vermelha.

— O risco valia a pena.

— Muito bem! — disse dona Batata. — Vá para a frente da minha mesa. Tenho uma coisa para você. E não é um carimbo.

Ah, não! O lança-batatas a gás. Eu ia ser embatitado. Hora de implorar.

— Mas...

Dona Batata ergueu a mão.

— Nada de mas. Você vai ter o que merece. Ande, para a frente da minha mesa.

Fui até a mesa, mais assustado do que nunca. [...] Na minha frente eu ouvia dona Batata vasculhando a gaveta da mesa. Ela provavelmente estava carregando o lança-batatas, pegando uma batata dura de verdade.

— Abra os olhos! — ordenou ela.

— Não — eu gemi. — Não posso.

— Vamos, Eduardo Medeiros. Olhe o que tenho para você!

Respirei fundo e abri os olhos. Em vez do cano de um lança-batatas, havia um cartão azul diante dos meus olhos. [. . .]

— Um cartão azul da biblioteca — disse ela. — Azul significa adulto. Azul significa que você pode ir aonde quiser na biblioteca. Só o que peço a você é que me mostre os livros de adultos que pegar, para que eu possa verificar se são adequados para sua idade.

Eu fiquei pasmo. Será que dona Batata estava me recompensando por quebrar as regras?

— P-p-por quê? — gaguejei.

Dona Batata sorriu novamente. Combinava com o rosto dela.

— Porque você saiu do tapete para pegar um livro, e não para fazer bagunça. É para os livros que esta biblioteca existe, às vezes até eu me esqueço disso. (COLFER, 2006, p.87-91).

Inicialmente dona Ângela pensa em castigar os meninos, mas ao questioná-los sobre tal atitude, Duda diz para ela o porquê da conduta, que acaba por comover a bibliotecária por perceber que o comportamento julgado inadequado por ela, havia boas intenções.

A bibliotecária acabar por aliviar os meninos, pois percebe que sua atitude autoritária a faz esquecer que os livros estão na biblioteca para serem lidos, o que ela mesma comenta que esquece ao se preocupar apenas em manter a organização da biblioteca e não se atentar com o que o ambiente realmente se destina, atitude notada pelo sentimento de posse que Ângela age com os meninos ao dizer inicialmente que eles irão bagunçar as “suas” estantes.

No geral, a bibliotecária não é nem um pouco simpática e atenciosa aos usuários da biblioteca, é autoritária e controladora, impõe regras e restrições no espaço da biblioteca, não permitindo os irmãos de irem até mesmo ao banheiro. Este comportamento gera uma imagem negativa e assustadora aos usuários, que tem medo do que ela pode fazer, porém entende-se que é esta imagem que ela própria quer passar, quer que sintam medo dela para não bagunçarem na biblioteca.

Após perceber a boa intenção dos irmãos começa a agir mais gentilmente, e permite que as crianças leiam outros tipos de livros que não infantis desde que passado pela vistoria dela, o que demonstra certo cuidado em disponibilizar o livro certo ao usuário certo.

A obra **Querido Diário Otário: não é minha culpa que eu sei de tudo**, faz parte de uma coleção de diários da mesma personagem, Jamie Kelly. Nesta história a bibliotecária Sra. Penney aparece pouco, ela interage com a protagonista, porém não aparece atuando na biblioteca. Suas ações se resumem em digitar os diários das crianças referentes a uma tarefa dada por um professor. Jamie é obrigada pelo professor Sr. Evans a ajudar a Sra. Penney com esta tarefa, pois o contraria. Esta ação é especificada nesta passagem:

- Jamie, já que você sabe tanto sobre diários, talvez devesse ajudar a sra. Penney a digitar eles.

Normalmente, eu ficaria muito brava por ela oferecer meus favores desse jeito, mas acho que ela me salvou de algum castigo bem pior. O que eu faria sem ela? De repente a cara do Sr. Evans ficou parecida com um queijo mordido [...] Ele disse que a sra. Velha Penney sempre digita os diários para que eles permaneçam anônimos – assim, ninguém consegue reconhecer o autor pela caligrafia. [...] Então, ele disse que a idéia da Isabella era muito boa e, apesar de a sra. Penney digitar os diários sozinhos há décadas (na verdade, foi ela que inventou esse trabalho), ela com certeza adoraria contar com a ajuda de uma especialista como eu. (BENTON, 2011, p.10-11).

A Sra. Penney é responsável em digitar os diários feitos pelos alunos, uma tarefa realizada a anos na escola, inclusive criada por ela própria. Apesar de a protagonista frisar muitas vezes que ela é velha, em nenhum momento é demonstrado alguma mensagem negativa da bibliotecária por nenhum personagem, também por a personagem não realizar muitas ações na história, tendo uma passagem curta.

Na obra **Um Rato na Biblioteca** não é especificado ações da personagem Rute com os usuários da biblioteca, porém há detalhamento da personagem e de suas ações no seu ambiente de trabalho. É possível identificar algumas características, na passagem a seguir:

Quem cuidava de tudo ali dentro, das salas e dos livros, era Rute, a bibliotecária-chefe. [. . .] Durante o dia todo, ela fazia milhões de pequenas coisas na biblioteca. Via se as funcionárias deixavam os livros arrumados, examinava se eles estavam bem conservados, se as fichas estavam em ordem, se as faxineiras haviam feito bem a limpeza, sala por sala, mesa por mesa. Tudo isso para que as pessoas que vinham ali pudessem achar sem demora o livro que desejavam... Era Rute também quem providenciava a compra de novos livros. E mandava os livros mais velhos para serem recuperados... (SEGATO, 1996, p.5).

A não interação da personagem com usuários ocorre em função da história ocorrer em volta de uma invasão de ratos que ocorre na biblioteca. Com o trecho acima as ações de Rute na biblioteca são claramente expostas e demonstram que a personagem coordenava tudo dentro da biblioteca, desde a organização dos livros nas estantes a compra dos livros novos e descarte dos livros velhos. Realizava o seu trabalho e se dedicava ao ambiente, e ao fazer isso confirma sua preocupação com o usuário, pois afinal, é ele que acessa o ambiente da biblioteca.

Com a invasão dos ratos ocorrendo de forma descontrolada, Rute fica aborrecida com esta situação:

Sempre que estava no ônibus, voltando para casa, Rute ficava pensando nos estragos que os ratos faziam nos livros. Estava muito chateada por causa dos prejuízos da biblioteca. (SEGATO, 1996, p.11).

Nesta passagem se constata que Rute realmente se aflige e dá valor a biblioteca, pois fica arrasada com os estragos aos livros que os ratos causam. Depois disso Rute toma uma atitude para acabar de vez com esse problema e leva um gato para dentro da biblioteca para acabar com os ratos.

Em função do decorrer da história e com as reproduções das atitudes de Rute, fica claro que a bibliotecária valoriza o ambiente em que trabalha, e se dedica a deixar o espaço utilizável e agradável aos frequentadores da biblioteca.

A última obra analisada foi a obra **Uma Graça de Traça**, que é a terceira obra na qual a personagem principal se torna bibliotecária. No caso desta obra, se trata de um conto de fadas que conta a história da princesa Biblió, que foi enfeitiçada pela bruxa analfabeta a acabar com todos os livros que existem sendo uma traça.

Durante todo o conto, Biblió, mesmo sendo uma traça, demonstra amor pelos livros, principalmente os infantis, que nem ela sabe de onde vem. Tanto que opta por se alimentar somente de livros e arquivos velhos que não são utilizados há muito tempo.

Ao começar a escrever um livro para crianças Biblió é desencantada por uma fada, que percebe seu amor aos livros infantis e volta a ser princesa. Novamente Biblió presta vestibular da época e vira bibliotecária, pelo amor que sente pelos livros.

Poucas são as ações de Biblió depois de bibliotecária, pois novamente este fato só ocorre ao final da história, mas de qualquer forma o trecho, mesmo que curto, se demonstra relevante para a análise:

[. . .] coordenou a equipe da Biblioteca Real. Organizou, catalogou, indexou todos os livros do reino. [. . .] Biblió decidiu escrever para crianças. Criou uma bela história sobre duendes verdes que viajam através dos raios do sol. (URBIM, 1987, p.43-44).

De acordo com o decorrer da história e do trecho citado acima, constata-se que Biblió optou pela profissão por amor, e faz jus dela através de suas ações ao se

dedicar ao que amava, mesmo antes de virar princesa, que eram os livros infantis, e ao se dedicar a organizar o acervo da Biblioteca Real, catalogando e indexando, o que demonstra interesse em disponibilizar os livros para os usuários.

Por intermédio da análise das ações dos personagens é possível comprovar a ideia dissertada anteriormente, de que as atitudes que os profissionais têm para com os usuários possuem ligação direta com a imagem que esses usuários vão absorver da profissão, ações positivas geram imagens positivas, e ações negativas geram imagens negativas. Usando como exemplo as personagens Dona Ângela de **Pânico na Biblioteca**, Etelvina de **Guerra na Biblioteca**, e a “velhinha” de **Ana de Salto Alto**, que são as três únicas personagens que passam imagem negativa da profissão, por terem atitudes de total apatia com o usuário.

5.5 LOCAL DE ATUAÇÃO

A categoria local de atuação do bibliotecário visou identificar em qual tipo de biblioteca o profissional aparece atuando. As opções adotadas para a pesquisa foram: Biblioteca Pública, Biblioteca Escolar, Biblioteca (outro tipo) e não identificado. A opção não identificado compreende os locais que não são mencionados nas histórias.

Não houve predominância de resultados. A Biblioteca Pública ficou com dez personagens, representando 47,61% do total; e a Biblioteca Escolar nove, com 42,85%.

A opção não identificado, e outro tipo de biblioteca restaram um personagem para cada, cada um com 4,77%. Sendo esses Alexandrya Byblos da poesia **Kimbaló**, onde a personagem se torna bibliotecária e não especifica nenhum local de atuação; e Biblió de **Uma Graça de Traça**, que como o livro trata de um Conto de Fadas, Biblió é uma princesa que decide virar bibliotecária, e atua na Biblioteca do Reino.

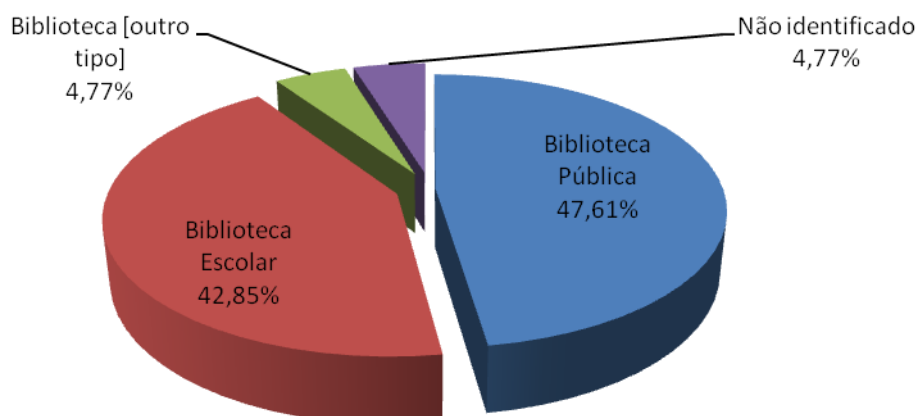


Gráfico 12- Categoria local de atuação

Fonte Dados de pesquisa

Normalmente as bibliotecas públicas e escolares são os locais mais visíveis e mais utilizados pela população, consecutivamente, pode ser mais fácil encontrar o profissional bibliotecário atuando nesses ambientes. Com os resultados obtidos confirmou-se essa ideia, que os personagens identificados, mesmo sendo atuantes nas histórias infantis - nas quais há muita fantasia e imaginação -, os profissionais se encontram atrelados a esses ambientes mais conhecidos.

5.6 ILUSTRAÇÕES DO PERSONAGEM

A fim de, além de caracterizar, ilustrar os personagens observados nas obras, foi utilizada a categoria ilustração do personagem para averiguar se haviam ilustrações das personagens bibliotecários nas histórias, uma vez que os livros infantis possuem muitas ilustrações.

Os resultados obtidos revelaram que não houve predominância de resultados. Em onze obras havia ilustrações, representando 52,39% do total, e em dez não havia, com 47,61%. Nesses casos, nos quais não foi possível analisar as particularidades dos personagens através das ilustrações, utilizou-se das descrições feitas nas histórias, para a caracterização dos protagonistas.

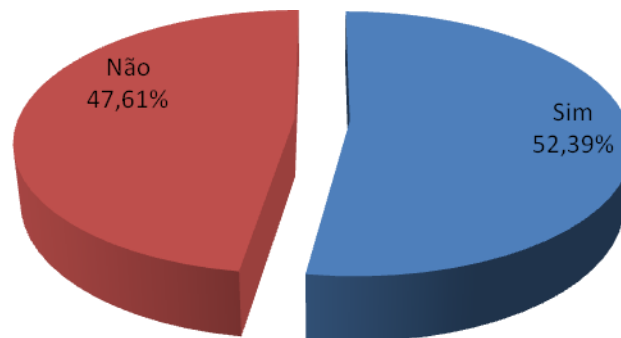


Gráfico 13 – Categoria ilustrações

Fonte: Dados de pesquisa

As ilustrações dos personagens serão apresentadas abaixo, em ordem alfabética do nome das obras. Serão exibidas também ilustrações de alguma ação de cada personagem na obra. A mera apresentação dessas imagens objetiva a visualização da aparência já descrita na pesquisa dos personagens identificados.

Obra **Atrás da Porta**, de Ruth Rocha:



Ilustração 1 – Representação da personagem Dona Carlotinha
Ilustrador: Elisabeth Teixeira (ROCHA, 1997, p.5)



Ilustração 2 – Carlinhos ao descobrir a biblioteca no quarto de sua avó
Ilustrador: Elisabeth Teixeira (ROCHA, 1997, p.11)

Obra **Beatrice não quer**, de Laura Numeroff:



Ilustração 3 - Representação da bibliotecária na hora do conto
Ilustrador: Lynn Munsinger (NUMEROFF, 2011, p.23)



Ilustração 4 – A bibliotecária auxiliando Beatrice com os livros
Ilustrador: Lynn Munsinger (NUMEROFF, 2011, p.27)

Obra **Carrapicho**, de Cecília Luedemann:

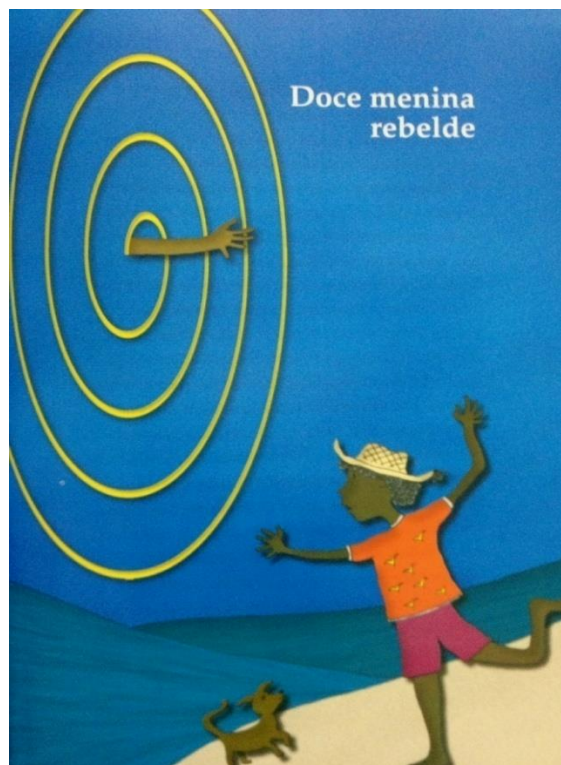


Ilustração 5 – Representação da personagem Carrapicho
Ilustrador: Marcio Levymann (LUEDEMANN, 2009, p.19)

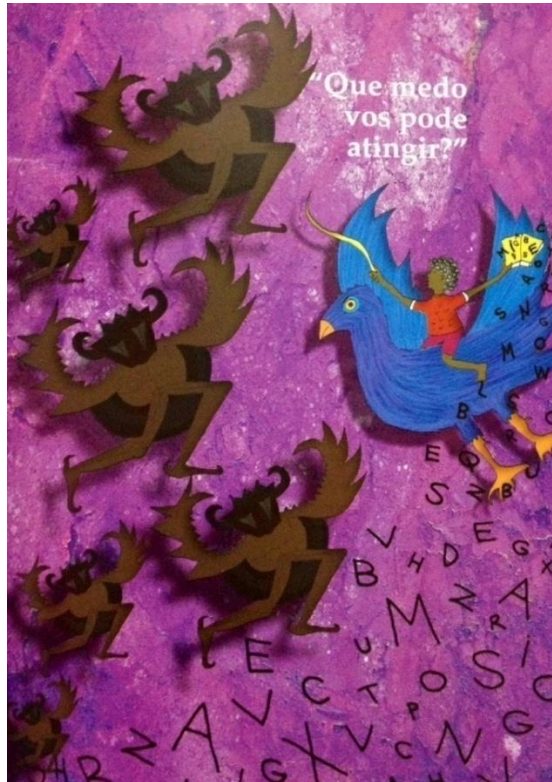


Ilustração 6 – Carrapicho combatendo o mal com o conhecimento adquirido por meio dos livros
 Ilustrador: Marcio Levymann (LUEDEMANN, 2009, p.39)

Obra **Kimbaló**, de Elô Fernandes e Helô Bacichette:



Ilustração 7 – Representação da personagem Alexandria Byblos
 Ilustrador: André Neves (FERNANDES; BACICHETTE, 2008, p.16-17)

Obra **Matilda**, de Roal Dahl:



Ilustração 8 – Representação da personagem Sra. Felps e da personagem Matilda
Ilustrador: Quentin Blake (DAHL, 1999, p.7)



Ilustração 9 – Sra. Felps auxiliando Matilda com os livros
Ilustrador: Quentin Blake (DAHL, 1999, p.13)

Obra **Monstros e Medos**, de Tatiana Belinki:



Ilustração 10 – Representação da bibliotecária e dos personagens Luli e Dudi
Ilustrador: Jean Galvão (BELINKI, 2006, p.7)

Obra **Na Biblioteca**, de Mark S. Bernthal:

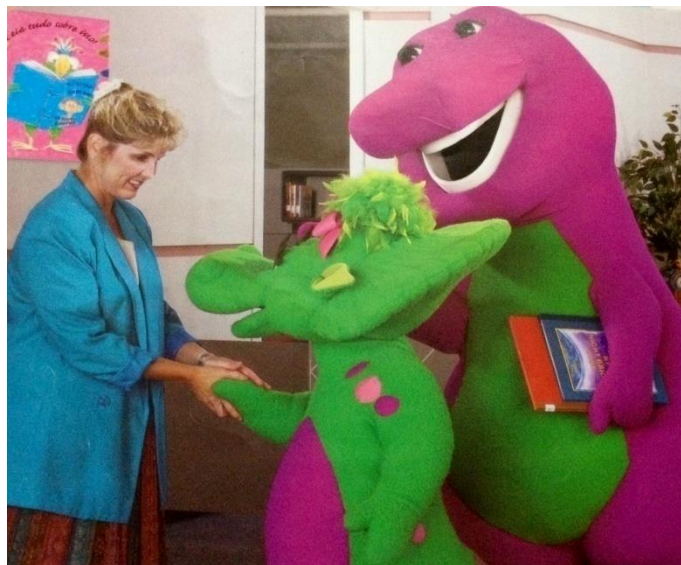


Ilustração 11 – Representação da personagem Sandra e dos personagens Barney e Bety Bop
Fotografia: Dennis Full (BERNTHAL, 2005, p.6)



Ilustração 12 – Sandra apresentando a biblioteca a Barney e Bety Bop
Fotografia: Dennis Full (BERNTHAL, 2005, p.14)

Obra Pânico na Biblioteca, de Eoin Colfer:



Ilustração 13 – Representação da personagem Dona Ângela
Ilustrador: Tony Ross (COLFER, 2006, p.38)

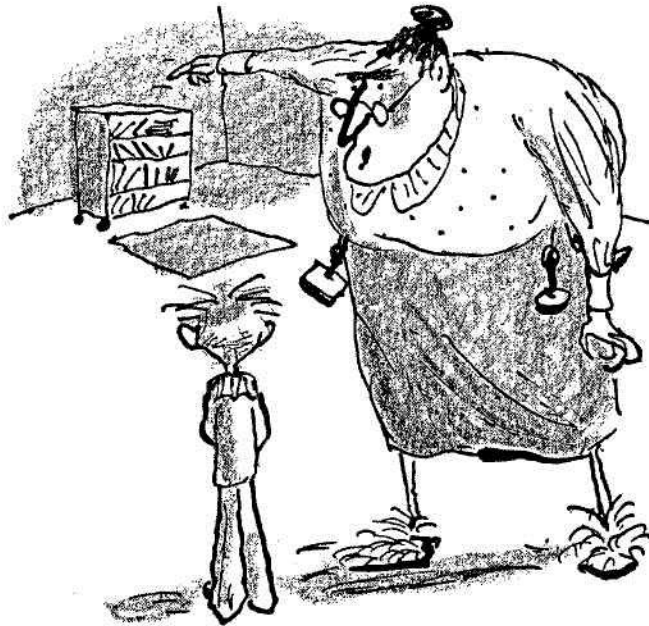


Ilustração14 - Dona Ângela restringindo o espaço da biblioteca para Duda
Ilustrador: Tony Ross (COLFER, 2006, p.32)

Obra **Querido Diário Otário: não é minha culpa se eu sei de tudo**, de Jim Benton:



Ilustração 15 – Representação da personagem Sra. Penney e da Jamie Kelly
Ilustrador: Marcelo de Souza (BENTON, 2011, p.120)



Ilustração 16 – Pensamento de Jamie sobre os óculos da Sra. Penney
Ilustrador: Marcelo de Souza (BENTON, 2011, p.93)

Obra **Um Rato na Biblioteca**, de Marcelo Segato:



Ilustração 17 – Representação da personagem Rute
Ilustrador: Cecília Iwashita (SEGATO, 1996, p.5)



Ilustração 18 – Rute ao se apaixonar pelo dono da livreria do bairro
Ilustrador: Cecília Iwashita (SEGATO, 1996, p.28)

Obra **Uma Graça de Traça**, de Carlos Ubim:

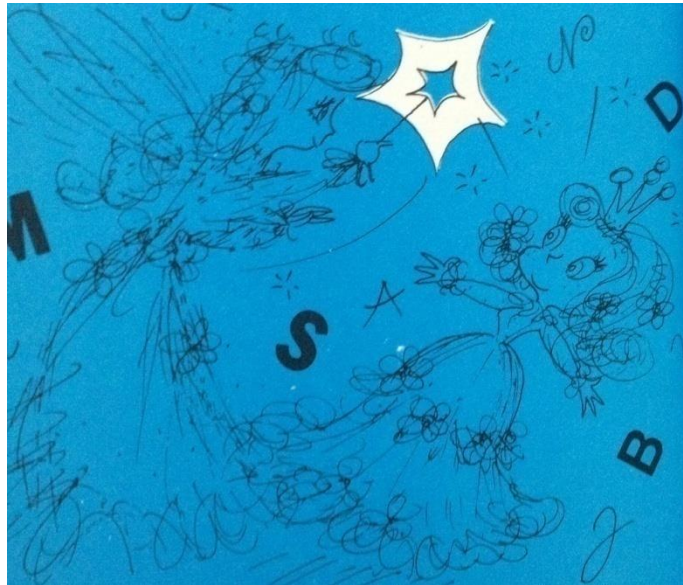


Ilustração 19 – Personagem Biblió sendo transformada novamente em princesa
Ilustrador: Canini (UBIM, 1991, p.38)



Ilustração 20 – Biblió escrevendo livros infantis
Ilustrador: Canini (SEGATO, 1991, p.44)

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imagem do profissional bibliotecário divulgada pelas mídias/artefatos culturais contribui para a propagação de estereótipos positivos ou negativos, uma vez que essa imagem transparece visão que a sociedade tem deste profissional. A literatura infantil é um artefato cultural que dissemina a informação através da visão dos autores.

A importância desse estudo está diretamente relacionada ao valor que a literatura infantil possui para o desenvolvimento infantil e na importância que é para o próprio profissional saber e conhecer o modo com que seu ofício é representado para a sociedade. Observar a imagem divulgada se torna de grande valia, pois é na infância que a criança cria hábitos e adquire conhecimentos que podem ser levados para o resto da sua vida.

Este trabalho analisou as representações dos profissionais bibliotecários como personagens dentro da literatura infantil, através da elaboração de uma ficha de leitura com categorizações que especificaram diferentes características dos personagens descritas nas obras.

O estudo dos vinte e um personagens de vinte obras de literatura infantil proporcionou a visualização de características: físicas, de personalidade e de ação. Além do local de atuação e a exibição das ilustrações destes protagonistas que apareceram nas obras.

Por intermédio da análise dessas categorias foi possível estabelecer um perfil predominante entre os bibliotecários encontrados nas histórias. Esse perfil, entre as características que puderam ser identificadas nas obras, em relação as características físicas é de uma mulher adulta (meia idade), que usa óculos, de peso e altura indiferentes. Em termos de personalidade é simpática, dá atenção ao usuário e passa uma imagem positiva de si mesma para o usuário através de suas atitudes. Não houve predominância do seu local de atuação, a maioria é atuante da biblioteca pública, mas a diferença entre biblioteca pública e biblioteca escolar foi de apenas um personagem.

Ao decorrer da análise foram identificados aspectos interessantes e pertinentes de serem destacados: o fato de que somente um personagem é masculino dentre todos os outros personagens, o que indica a notável predominância do gênero feminino do profissional; que muitas características

principalmente físicas, não foram descritas nas histórias, como o peso e altura dos personagens, com isso conclui-se que para os autores estas características não são relevantes na caracterização do profissional; que somente três personagens demonstraram antipatia com o usuário, ao contrário do que é normalmente exteriorizado da profissão, em que a maioria é, geralmente, antipático e de mau humor; de que todos os personagens antipáticos não deram atenção aos usuários e foram destacados como feios, o que indica uma possível relação à aparência com a personalidade dos personagens; e em relação ao local de atuação, a biblioteca pública e escolar foram os locais predominantes, acredita-se que por serem os locais onde o profissional está em maior evidência para a sociedade.

Portanto, através da leitura das obras de literatura infantil analisadas foi possível caracterizar os personagens encontrados através das características descritas ou nas ilustrações contidas nos livros e perceber que foi possível estabelecer um perfil profissional predominante desse profissional e que este perfil, assim como os personagens analisados, corresponde a algumas características estereotipadas conhecidas pela literatura especializada, como a predominância do gênero feminino, e o do uso de óculos, mas não há predomínio destas características.

Vale ressaltar que a alteração dos aspectos negativos da imagem do profissional ainda difundida pela sociedade, depende do próprio bibliotecário. Uma vez que esta imagem negativa disseminada, pode vir exatamente das experiências do autor com o profissional. Essas mudanças ocorrem através da postura e atitudes do profissional para com seu ambiente de trabalho e principalmente com os usuários.

Espera-se que esta pesquisa estimule futuras investigações a respeito de aspectos similares ou divergentes sobre a representação do bibliotecário. Sugestões que podem ser feitas é uma possível ampliação da amostra dos livros de literatura infantil, a fim de aprofundar-se ao tema; ou uma análise focada em outro tipo de literatura, para verificar se há alguma diferença na imagem nos livros voltados a outro tipo de faixa etária; ou até mesmo observação em livros de outras localidades, como por exemplo, um diagnóstico sobre livros de outro país, para averiguar se há diferença nas representações do bibliotecário das salientadas no Brasil, verificando uma possível diferença cultural entre um país e outro. Poder-se-ia sugerir também uma análise em cima da visão do ambiente que este profissional bibliotecário atua, a

fim de conhecer outros aspectos. Outra sugestão são análises dessas representações em outros artefatos culturais, como televisão, *internet*, entre outros.

REFERÊNCIAS DAS OBRAS CONSULTADAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil, Gostosuras e Bobices**. São Paulo: Scipione, 2004.

BAMBERGER, Richard. **Como Incentivar o Hábito da Leitura**. 6.ed. São Paulo: Ática, 2010.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, c1977.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **A Função Social da Leitura da Literatura Infantil**. Encontros Bibli: Revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação. Florianópolis, v. 8, n. 15, 2003.

_____. **A Leitura como função Pedagógica: o literário na escola**. Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, v. 7, n. 1, 2002.

_____. **O Bibliotecário, a Criança e a Literatura Infantil**. Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, v. 6, n. 1, 2001.

CAMARGO, Luís. **A Relação entre Imagem e Texto na Ilustração de Poesia Infantil**. 2003. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/poesiainfantilport.htm>>. Acesso em: 15 set. 2014.

_____. Encurtando Caminho entre Texto e Ilustração. **Sínteses**: Revista dos Cursos de Pós Graduação, Campinas, v. 11, p. 109-122, 2006.

_____. **Ilustração do Livro Infantil**. Belo Horizonte: Lê, 1995.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

COSTA, Marta Morais da. Considerações Iniciais a Respeito de Texto e Imagem no Livro de Literatura Infantil. **Revista Letras**, Curitiba, n. 54, p. 23-33, jul. /dez. 2010. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2.2.4/index.php/letras/article/view/18668/12128>>. Acesso em: 15 set. 2014.

CUNHA, Murilo Bastos. **O Desenvolvimento Profissional e a Educação Continuada**. Revista de Biblioteconomia de Brasília, Brasília, v.12, n.2, p.149-156, 1984.

DUARTE, Jorge (org) ; BARROS, Antônio (org). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da Pesquisa Científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa da. Análise de Conteúdo. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009. P. 280-304.

FREUD, Sigmund. **A Interpretação dos Sonhos**. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

_____. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

IMAGEM. In: MICHAELIS: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa, c2009 Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>>. Acesso em: 2 out. 2014.

JACOBSEN, Priscila Saraiva. **A Imagem do Profissional Bibliotecário na Literatura de Ficção**. 2010. Trabalho de Conclusão de Graduação. UFRGS. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/25765>>. Acesso em: 15 jun. 2014.

CONSELHO REGIONAL DE BIBLIOTECONOMIA DA 6ª REGIÃO. Afinal, quem é o Bibliotecário? *Jornal Estado de Minas*, 12 mar. 2008. Caderno Cultura.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTINEZ, Marina. **Estereótipo**. [S.l.], [2014?]. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/sociologia/estereotipo/>>. Acesso em: 2 out. 2014.

MASSONI, Luis Fernando Herbert. Ilustrações em Livros Infantis: alguns apontamentos. In: **DAPesquisa**: Revista do Centro de Artes da UDESC, Florianópolis, n. 9, 2012, P. 121-128.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da Literatura Infantil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

MONTOYA, Adrian Oscar Dongo. **Piaget: imagem mental e construção do conhecimento**. São Paulo: UNESP, 2005.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2011.

NUNES, Brisa Caroline Gonçalves. **Painel Ilustração do Livro Infantil: reflexões sobre a importância da imagem no desenvolvimento estético perceptivo da criança**. [2010]. Disponível em: <<http://www.fieb.com.br/livro/Paineis/ilustracao%20do%20livro%20infantil.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2014.

OLIVEIRA, Zita Catarina Prates de. **Um Estudo da Auto-Imagem Profissional do Bibliotecário**. 1980. Dissertação de mestrado. Universidade de Brasília. Disponível em:

<<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/1368/000013602.pdf?sequence=>>
 . Acesso em: 15 set. 2014.

PAIN, Sara; JARREAU, Gladys. **Teoria e Prática da Arte-Terapia**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

PIAGET, Jean. **Biologia e Conhecimento**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. **A Formação do Símbolo na Criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. 3. ed. Rio de Janeiro : LTC, 1990.

_____. **A Imagem Mental na Criança**. Porto: Civilização, 1977.

RAMOS, Flávia Broncchetto. A Literatura no Desenvolvimento da Criança. In: Olmi, Alba; PERKOSKI, Norberto (Org.). **Leitura e Cognição**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

RAMOS, Flávia Broncchetto; PANOZZO, Neiva Senai de Petry. Entre a Ilustração e a Palavra: buscando pontos de ancoragem. **Revista de Estudos Literários**, Madri, n. 26, 2004. Disponível em: <www.ucm.es/info/especulo/numero26/ima_infa.html>. Acesso em: 15 set. 2014.

REPRESENTAÇÃO. In: AURÉLIO: Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa, c2008. . Disponível em: <<http://www.dicionariodoaurelio.com/>>. Acesso em: 2 out. 2014.

REPRESENTAÇÃO. In: MICHAELIS: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa, c2009. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>>. Acesso em: 2 out. 2014.

ROCHA, David Rodrigues. Leitura e Biblioteconomia: entre o conceito e a prática. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 8, n. 2, p. 166-189, 2011. Disponível em: <<http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/rbci/article/view/484>>. Acesso em: 15 set. 2014.

SALGADO, Denise Mancera; BECKER, Patricia. O Bibliotecário no Olhar do Público Escolar. **Encontros Bibli: Revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Santa Catarina, v. 3, n. 6, 1998. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/18/58>>. Acesso em: 15 set. 2014.

SILVA, Aline Luiza da. Trajetória da Literatura Infantil: da origem histórica e do conceito mercadológico ao caráter pedagógico na atualidade. **REGRAD: Revista Eletrônica de Graduação do UNIVEM**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 135-149, 2009.

SILVA, Elaine Aparecida Rodrigues da; et al. A Questão da Faixa Etária na Literatura Infantil. **Sciencult: Paranaíba**, v.1, n.1, 2006. Disponível em: <<http://periodicos.uems.br/novo/index.php/anaispba/article/viewFile/132/70>>. Acesso em: 15 set. 2014.

SILVA, Juremir Machado. **As Tecnologias do Imaginário**. 2.ed. Porto Alegre: Sulina, 2006.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A Pesquisa Científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. P. 31-42.

SOUTO, Leonardo Fernandes. Biblioteconomia em Reflexão: cenários, práticas e perspectivas. In: SOUTO, Leonardo Fernandes (Org.). **O profissional da informação em tempo de mudanças**. Campinas, SP: Alínea, 2005. P. 29-35.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

WALTER, Maria Tereza Machado Teles; BAPTISTA, Sofia Galvão. A Força dos Estereótipos na Construção da Imagem Profissional dos Bibliotecários. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 17, n. 3, p. 27-38, set./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/962/1583>>. Acesso em: 15 set. 2014.

_____. Representações Profissionais de Bibliotecários no Brasil: alguns resultados de pesquisa. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 14, n. 27, p. 22-46, 2009. Disponível em: <<http://repositorio.cfb.org.br/handle/123456789/450>>. Acesso em: 15 set. 2014.

REFERÊNCIAS DAS OBRAS ANALISADAS

BELINKI, Tatiana. **Monstros e Medos**. Ilustrações de Jean Galvão. São Paulo: Caramelo, 2006.

BENTON, JIM. **Querido Diário Otário: não é minha culpa se eu sei de tudo**. Editoração eletrônica de Marcelo de Souza. São Paulo: Editora Fundamento Educacional, 2011.

BERNTHAL, Mark S. **Na Biblioteca**. Fotografias de Dennis Full. São Paulo: Caramelo, 2005.

CAPARELLI, Sérgio. Memórias de um Herói Caduco. In: CAPARELLI, Sérgio. **Ana de Salto Alto**. Porto Alegre: L&PM, 1981. P.7-17.

COLFER, Eoin. **Pânico na Biblioteca**. 2. ed. Ilustrações de Tony Ross. Rio de Janeiro: Record, 2006.

DAHL, Roald. **Matilda**. 3. ed. Ilustrações de Quentin Blake. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FERNANDES, Elô; BACICHETTE, Helô. **Kimbaló**. Ilustrações de André Neves. São Paulo: Paulus, 2008.

JARDIM, Jerônimo. **O Clube da Biblioteca Contra a Bruxa Pestiléia**. Rio de Janeiro: Vozes, 1991.

LEWICKI, Gláucia. **Era Mais Uma Vez Outra Vez**. São Paulo: Edições SM, 2007.

ALBERGARIA, Lino de. **Guerra na Biblioteca**. 2. ed. São Paulo: Atual, 1996.

_____. **Miguel e a Quinta Série**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2003.

LUEDEMANN, Cecília da Silveira. **Carrapicho**. Ilustrações de Marcio Levyman. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MCDONALD, Megan. **Judy Moody Adivinha o Futuro**. São Paulo: Salamandra, 2005.

MYRON, Vicki; WITTER, Bret. **Dewey: O gato da biblioteca**. São Paulo: Globo, 2011.

NUMEROFF, Laura. **Beatrice Não Quer**. Ilustrações de Lynn Munsinger. São Paulo: Editora Fundamento Educacional, 2011.

RIOS, Rosana; D'AVINO, Silvana. **Encrência na Biblioteca**. São Paulo: Escala Educacional, 2007.

ROCHA, Ruth. **Atrás da Porta**. Ilustrações de Elizabeth Teixeira. Rio de Janeiro: Salamandra, 1997.

RUSSEL, Rachel Renée. **Diário de Uma Garota Nada Popular**. 4. ed. Campinas, SP: Verus, 2012.

SEGATO, Carlos Augusto. **Um Rato na Biblioteca**. Ilustrações de Cecília Iwashita. São Paulo: Atual, 1996.

UBIM, Carlos. **Uma Graça de Traça**. Ilustrações de Canini. Porto Alegre: Tchê, 1987.

APÊNDICE A – FICHA DE COLETA DE DADOS

Obra:
Personagem:
Atuação do personagem na obra: Posição Personagem principal (<input type="checkbox"/>) Principal-Coadjuvante (<input type="checkbox"/>) Coadjuvante (<input type="checkbox"/>) Profissão nomeada na obra Sim (<input type="checkbox"/>) Não (<input type="checkbox"/>)
Características físicas: Gênero Masculino (<input type="checkbox"/>) Feminino (<input type="checkbox"/>) Faixa Etária Jovem (<input type="checkbox"/>) Adulto [meia idade] (<input type="checkbox"/>) Idoso (<input type="checkbox"/>) Não identificado (<input type="checkbox"/>) Altura Alto (<input type="checkbox"/>) Baixo (<input type="checkbox"/>) Não identificado (<input type="checkbox"/>) Porte físico Gordo (<input type="checkbox"/>) Magro (<input type="checkbox"/>) Não identificado (<input type="checkbox"/>) Uso de óculos Sim (<input type="checkbox"/>) Não (<input type="checkbox"/>) Não identificado (<input type="checkbox"/>) Boa aparência Sim (<input type="checkbox"/>) Não (<input type="checkbox"/>) Não identificado (<input type="checkbox"/>)
Características de personalidade: Empatia Simpático (<input type="checkbox"/>) Antipático (<input type="checkbox"/>) Não identificado (<input type="checkbox"/>) Atenção ao usuário Sim (<input type="checkbox"/>) Não (<input type="checkbox"/>) Não identificado (<input type="checkbox"/>) Imagem formada pelo usuário sobre o bibliotecário Positiva (<input type="checkbox"/>) Negativa (<input type="checkbox"/>) Não identificado (<input type="checkbox"/>)
Características de ação:
Local de atuação: Biblioteca Pública (<input type="checkbox"/>) Biblioteca Escolar (<input type="checkbox"/>) Biblioteca [outro tipo] (<input type="checkbox"/>) Não identificado (<input type="checkbox"/>)
Possui ilustração do personagem Sim (<input type="checkbox"/>) Não (<input type="checkbox"/>)

APÊNDICE B – QUADRO COM OS RESULTADOS OBTIDOS

Obra	Personagem	Atuação	Nomeado	Gênero	Faixa Etária	Altura	Porte Físico	Uso de óculos	Boa aparência	Empatia	Atenção ao usuário	Imagem	Local	Ilustração
Ana de Salto Alto	Sem identificação	Principal.-coadj.	Não	Fem.	Idoso	Não id.	Não Id.	Sim	Não	Antipático	Não	Negativa	Bib. Pública	Não
Atrás da porta	Dona Carlotinha	Coadj.	Não	Fem.	Não id.	Não id.	Não id.	Não id.	Não id.	Não id.	Não identificado	Não id.	Bib. Escolar	Sim
Beatrice não quer	Bibliotecária	Coadj.	Sim	Fem.	Não id.	Não id.	Não id.	Sim	Não id.	Simpático	Sim	Positiva	Bib. Pública	Sim
Carrapicho	Carrapicho	Principal	Sim	Fem.	Jovem	Não id.	Não id.	Não id.	Não id.	Simpático	Sim	Não id.	Bib. Pública	Sim
Dewey	Vicki	Coadj.	Sim	Fem.	Não id.	Não id.	Não id.	Não id.	Não id.	Simpático	Não identificado	Não id.	Bib. Pública	Não
Diário de uma garota nada popular	Sra. Peach	Coadj.	Sim	Fem.	Não id.	Não id.	Não id.	Não id.	Não id.	Simpático	Não identificado	Positiva	Bib. Escolar	Não
Encrenca na biblioteca	Rafel	Coadj.	Sim	Masc.	Não id.	Não id.	Não id.	Não id.	Não id.	Simpático	Sim	Positiva	Bib. Pública	Não
Era mais uma vez outra vez	Bibliotecária	Coadj.	Sim	Fem.	Não id.	Não id.	Não id.	Não id.	Não id.	Não id.	Sim	Não id.	Bib. Escolar	Não
Guerra na Biblioteca	Dona Etelvina	Coadj.	Sim	Fem.	Adulto	Não id.	Não id.	Não id.	Não	Antipático	Não identificado	Negativa	Bib. Escolar	Não
Guerra na Biblioteca	Lurdinha	Coadj.	Sim	Fem.	Jovem	Não id.	Magro	Não id.	Sim	Simpático	Sim	Positiva	Bib. Pública	Não
Judy Moody adivinha o futuro	Lina	Coadj.	Sim	Fem.	Não id.	Não id.	Não id.	Não Id.	Não id.	Simpático	Sim	Positiva	Bib. Escolar	Não
Kimbaló	Alexandria Byblos	Principal	Sim	Fem.	Jovem	Não id.	Não id.	Não id.	Não id.	Não Id.	Não identificado	Não id.	Não id.	Sim
Matilda	Sra. Felps	Coadj.	Sim	Fem.	Idoso	Não id.	Não id.	Sim	Não id.	Simpático	Sim	Positiva	Bib. Pública	Sim
Miguel e a quinta série	Araci	Coadj.	Sim	Fem.	Não id.	Não id.	Não id.	Não id.	Não id.	Simpático	Sim	Positiva	Bib. Escolar	Não
Monstros e Medos	Bibliotecária	Coadj.	Sim	Fem.	Adulto	Não id.	Não id.	Sim	Não id.	Simpático	Sim	Positiva	Bib. Escolar	Sim
Na biblioteca	Sandra	Coadj.	Sim	Fem.	Adulto	Não id.	Não id.	Não	Sim	Simpático	Sim	Positiva	Bib. Escolar	Sim
O clube da biblioteca contra a bruxa Pestiléia	Elaine	Coadj.	Não	Fem.	Adulto	Não id.	Não id.	Não id.	Não id.	Simpático	Não identificado	Positiva	Bib. Escolar	Não
Pânico na Biblioteca	Dona Ângela	Principal.-coadj.	Sim	Fem.	Adulto	Alto	Gordo	Sim	Não	Antipático	Sim	Negativa	Bib. Pública	Sim
Querido Diário Otário	Sra.Penney	Coadj.	Sim	Fem.	Idoso	Não id.	Não id.	Sim	Não id.	Simpático	Não identificado	Não id.	Bib. Escolar	Sim
Um rato na biblioteca	Rute	Coadj.	Sim	Fem.	Adulto	Não id.	Não id.	Sim	Não id.	Simpático	Não identificado	Não id.	Bib. Pública	Sim
Uma graça de traça	Biblió	Principal	Sim	Fem.	Jovem	Não id.	Não id.	Sim	Sim	Simpático	Não identificado	Não id.	Outro tipo	Sim